

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE  
CURSO DE HISTÓRIA

**BRUNO MATEUS HECKLER**

**O ANTIFASCISMO NAS PÁGINAS DO PERIÓDICO *O HOMEM LIVRE* (1933-1934)**

Passo Fundo

2023

## O ANTIFASCISMO NAS PAGÍNAS DO PERIÓDICO *O HOMEM LIVRE* (1933-1934)

Trabalho de conclusão de curso de graduação em História apresentado ao Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Gizele Zanotto

Passo Fundo

2023

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, que apesar de todas as dificuldades e perrengues, seguiram e seguem firmes, mostrando que o futuro nos pertence.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Dra. Gizele Zanotto, pelo apoio e humanidade com que me orientou ao longo desse projeto, sempre compreendendo as minhas dificuldades e acrescentando com críticas construtivas.

À toda equipe do IHPF, com menção especialíssima para Djiovan Carvalho, pelas conversas e incentivos. Fica a lembrança, também, para Aléxia (talvez umas das pessoas com a qual eu mais tenha conversado na vida), Alex, Carol, Cassiê, Chris, Fabi e Salete.

Ao grupo de estudos sobre o bipartidarismo: Gabi, Ana Júlia, Nicolas, Ana Heinsfeld.

Aos amigos que fiz durante a graduação: fica o registro especial ao Alexandre e Vanessa, colegas da minha turma original e que muito me ajudaram nas pendengas acadêmicas.

Evidentemente, a todos os professores da História - UPF com os quais tive contato, mas especialmente à Alessandro Batistella, com quem trabalhei diretamente desde o início do curso.

Aos amigos do bosque, cujas contribuições informais e de conhecimento gerais foram muito úteis. Portanto, um salve para Affonso (fundador da seita), Allan CZO, Alan da DDP, Luiza, Élber, Francesco trotskista, Victor, Gabriel, Ábner, Paulinha, Samuca, David e demais personalidades que transitaram por esse lugar que não é exatamente um lugar, mas sim algo que foge a nossa compreensão de tempo-espaço.

Aos amigos que não conheci/me aproximei diretamente através da universidade: Édio maluco, Prego Dartagnan, Cíntia, Rafinha “superamigo de grebbbio”, Andressa, Helô, Giovana, Pisico, Peri, Paulo, João “Galo Prateado”, Dé, “o azarado”; Mayra (UAI, SÔ), Black do P7, Geovane, Carlos, Jana, Cavanhas, Super-Alex e Tati, Bruno, Gil “the mill”, Lucas, Taylor, Taisam, Pierre, Róginho, Rafa, Sheila, German “uruguayo de bolso” y Dani.

*in memoriam*: Gnomo e Luan.

E UM AÇUCARADO agradecimento para a Natasha, que tanto me ajudou e apoiou com o seu “confio em você” nesses últimos meses. Eu gosto muito de você! É a sul de SP!!

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa de <i>O Homem Livre</i> .....	30
Figura 2 – Charge ironizando o nazifascismo.....	38

## **LISTA DE SIGLAS**

AIB – Ação Integralista Brasileira

ASB – Ação Social Brasileira

FUA – Frente Única Antifascista

LCI – Liga Comunista Internacional

LCT – Legião Cearense do Trabalho

PCB – Partido Comunista Brasileiro

UTG – União dos Trabalhadores Gráficos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO I – O CONTEXTO NACIONAL E AS BASES DO INTEGRALISMO</b> .....	14
<b>1.1 A Instabilidade política na República Velha (1889-1930) e Plínio Salgado no contexto ideológico da década de 1920</b> .....	14
<b>1.2 O surgimento da AIB</b> .....	20
<b>1.3 O antifascismo e a Imprensa Operária</b> .....	27
<b>CAPÍTULO II – O periódico <i>O Homem Livre</i></b> .....	32
<b>2.1 <i>O Homem Livre</i>: jornalismo e antifascismo na década de 1930</b> .....	32
<b>2.2 Interpretações d’ <i>O Homem Livre</i> sobre o fascismo</b> .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49

## INTRODUÇÃO

A vitória dos países Aliados<sup>1</sup> sobre os países do Eixo<sup>2</sup> e o consequente fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi encarado por muitos como um golpe definitivo contra o nazifascismo, afinal, os horrores do conflito foram revelados ao mundo, de modo que uma experiência daquelas, além de suficientemente traumática, possuía caráter pedagógico e continha, para aqueles que acreditavam nessa narrativa, uma esperança sintetizada em torno da crença de que não seríamos capazes de deixar que qualquer forma de fascismo tomasse novamente impulso.

No entanto, parafraseando Bertold Brecht (1898-1956), e sua mais famosa frase, “a cadela do fascismo está sempre no cio”. O fascismo clássico, de fato, pode ter morrido em 1945, no entanto, conjunturas à parte, ideias identificadas com o fascismo não deixaram de ser uma inspiração para grupos sociais, instituições, movimentos políticos e indivíduos, mesmo que, às vezes, estes sequer tenham maiores conhecimentos teóricos a respeito do tema.

Mais recentemente, com o surgimento da *Alt-Right*<sup>3</sup> e a escalada de movimentos políticos de extrema direita ao redor do mundo, o conceito de fascismo passou a ser abordado com maior frequência no debate público. No contexto brasileiro, a ascensão de Jair Messias Bolsonaro, eleito presidente em 2018, desencadeou diversos questionamentos a respeito da natureza das suas ideias e de seus seguidores, cujo as palavras de ordem “Deus, Pátria e família”<sup>4</sup> foram abundantemente utilizadas desde que o militar passou a ocupar os noticiários.

Nesse sentido, ainda que não seja objetivo desse trabalho estabelecer e aprofundar maiores semelhanças e diferenças entre o governo de Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) e o pensamento fascista, ou no que diz respeito a outros movimentos de extrema direita ao redor do mundo, o fato é que grupos nazifascistas se proliferaram no Brasil ao longo dos últimos

---

<sup>1</sup> Grupo de países que lutaram na Segunda Guerra Mundial sob a liderança de Reino Unido, URSS e Estados Unidos. (HOBBSBAWN, 1997).

<sup>2</sup> Grupo de países que lutaram na Segunda Guerra Mundial sob a liderança de Alemanha, Itália e Japão. (HOBBSBAWN, 1997).

<sup>3</sup> Segundo Grecchi (2019, p.52), “a Alt-Right define-se como uma filosofia baseada no sentimento de ódio, supremacia e injustiça cometidos contra a população branca.”

<sup>4</sup> Ver: DIAS, Gabriel. "Deus, Pátria, Família": de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro. *In*: UOL. São Paulo, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm>. Acesso em: 17 jul. 2023.

anos<sup>5</sup>. Desse modo, acreditamos que se faz necessário compreender, historicamente, como o fascismo e a oposição a ele repercutiram no Brasil durante o período *entreguerras*.

Para tanto, tendo em vista este objetivo de compreensão, ao longo desse trabalho buscaremos analisar como o nazifascismo e o integralismo foram interpretados nas páginas do periódico *O Homem Livre*, jornal que passou a circular na cidade de São Paulo, capital do estado, a partir de maio de 1933, e que teve a sua última edição publicada em fevereiro do ano seguinte.

No entanto, ao que pese o fato de a publicação ter durado menos de um ano, em nossa pesquisa também faremos a contextualização de aspectos da conjuntura brasileira e mundial do período *entreguerras*, buscando compreender elementos estruturais da política e sociedade brasileira na década de 1920, bem como a conformação do integralismo na década posterior, somando a isso, as interpretações que parte da esquerda brasileira elaborou sobre o fascismo e as formas de enfrentá-lo.

Nesse sentido, a década de 30 do século XX assinalou, a nível mundial, a crise do liberalismo e da democracia, conformada, sobretudo, após o Crash da Bolsa, em 1929, e a radicalização política nos espectros da direita e da esquerda. No Brasil, ao longo dos anos 1930, ocorreu o surgimento e o auge do movimento integralista (CRUZ, 2012). Inspirado no fascismo italiano e em outras vertentes ideológicas surgidas e constituídas na Europa pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918), nomes como Plínio Salgado (1895-1975) e Gustavo Barroso (1888-1959) formularam as bases teóricas que adaptaram as práticas da cultura política fascista à realidade brasileira. Sob a liderança de Plínio Salgado, foi fundada, em 1932, a Ação Integralista Brasileira (AIB), que se constituiu como o partido dos integralistas no Brasil.

Irschlinger (2007) identifica que a Revolução de 1930 tornou-se um marco no que diz respeito ao processo de radicalização política pelo qual o Brasil passou, já que os rumos dessa não contentaram a todos, “tendo gerado grandes estímulos para aventureiros se lançarem ao jogo político nacional” (IRSCHLINGER, 2007, p. 191). Ainda abordando a questão, o autor localiza, nesse período, uma grande reordenação da(s) esquerda(s) e direita(s) brasileira por “um estímulo ideológico e salvacionista de corrida ao poder” (IRSCHLINGER, 2007, p. 191).

Foi, portanto, a partir desse contexto que os adeptos da filosofia integral lançaram mão de estratégias diversas com o objetivo de conquistar os corações e mentes dos brasileiros e,

---

<sup>5</sup> DELCOLLI, Caio. Ameaça fascista:: como ideais de extrema direita ganharam espaço no Brasil. In: Revista Galileu. [S. l.], 25 ago. 2022. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Politica/noticia/2022/08/ameaca-fascista-como-ideais-de-extrema-direita-ganharam-espaco-no-brasil.html>. Acesso em: 17 jun. 2023.



posteriormente, a máquina do estado. Ainda que, inegavelmente, o Integralismo brasileiro tenha tido relação e influência do(s) fascismo(s) europeus, há um importante debate teórico acerca dessa questão. Assim, Chasin (1978) chama a atenção para o debate em torno da especificidade do integralismo em relação ao fascismo. Ao analisar como o movimento foi interpretado em seu início, o autor diz que os integralistas buscaram tecer uma narrativa em torno de uma originalidade da sua respectiva corrente política, e que ela teria pouca ou nenhuma influência externa; por outro lado, análises que, em geral, partiram de grupos políticos opostos ao integralismo buscaram sustentar uma ideia de que o movimento liderado por Plínio Salgado seria uma simples cópia do fascismo italiano e de outros movimentos autoritários.

De forma simplista, e tendo em vista algumas das obras de Plínio Salgado, o integralismo pode ser compreendido como filosofia e corrente política. Posteriormente, também organizado enquanto partido político que buscava a conquista do aparelho do estado com o objetivo de implementar seu ideário político-ideológico. Teve semelhanças e aproximações com os fascismos europeus no que diz respeito às ideias antissemitas, visão idílica do passado, nacionalismo; e teve diferenças e distanciamentos no que concerne a ritos e ideias de organização estatal.

Como resposta ao fortalecimento dos partidários da AIB, tendências diversas da esquerda brasileira debateram sobre uma pauta em comum, a saber, o antifascismo, e publicações, eventos, comícios e uma série de táticas que tinham como objetivo combater o fascismo fizeram parte da cultura política dos trabalhadores e de suas respectivas organizações de classe naquele contexto.

No bojo desse movimento, a imprensa operária desenvolveu um dos principais instrumentos de informação sobre o assunto entre os trabalhadores daquele período: o periódico intitulado *O Homem Livre*. Publicação de orientação trotskista, constituiu-se como um dos principais jornais a abordar o Integralismo e a formular análises sobre o seu surgimento buscando, desse modo, táticas para enfrentá-lo. Tal publicação circulou entre 1933 e 1934, contando com vinte e uma edições publicadas ao longo desse período. Nas páginas desse periódico, diversos artigos de opinião, bem como informações do cotidiano, compunham o panorama de enfrentamento traçado pelo movimento operário e são fontes preciosas para compreendermos de que forma o integralismo e os fascismos europeus foram interpretados pelos trabalhadores e pelos seus respectivos órgãos de classe. Dessa forma, a escolha do recorte temporal será devido ao período de abrangência do periódico, e este, por sua vez, é resultado direto dos esforços da esquerda brasileira no enfrentamento ao Integralismo, em uma

conjuntura marcada pela sua ascensão como movimento de massas, sobretudo nas movimentações ocorridas na cidade de São Paulo, à época já consolidada como maior cidade brasileira e maior centro industrial do país.

Assim, a análise do antifascismo por meio das páginas d'*O Homem Livre* justifica-se, pois, o fascismo e o antifascismo no Brasil foram historicamente observados como meros desdobramentos dos fascismos europeus, de modo que uma análise mais acurada sobre as interpretações do movimento operário, por meio de sua imprensa, a respeito do fenômeno torna-se necessária. Além disso, elucidar o papel do antifascismo naquela conjuntura dos anos 1930 também se constitui como uma tarefa importante na pesquisa, pois esse movimento, muitas vezes, é percebido como próprio dos países do Hemisfério Norte e, em muitas ocasiões, também, não sendo interpretado de acordo com a sua singularidade.

Em relação ao seu campo de estudos, a História Política tem papel fundamental na realização deste estudo. A partir dos anos 70, a uma “nova” história política passa a ser explorada pelos pesquisadores, ocorrendo um deslocamento no objeto de estudo:

Amplamente ancorados nas ciências sociais, mantendo e ampliando a proposta original da primeira geração dos Annales, tinham como enfoque o político no sentido de cultura e de poder. A legitimação desse interesse pelo político se dá por uma importante “metamorfose” que mantém a condenação de uma história política tradicional, já que agora não são mais os fatos políticos que interessam, mas as mentalidades, os signos, os símbolos políticos de poder (ALBERNAZ, 2011, p. 14).

É importante observar como esta mudança foi fundamental, já que a partir disso podemos analisar como as mentalidades ajudaram a formar símbolos de poder, seus surgimentos, ideais, propósitos, dentre muitos outros. Esta história foca não mais somente nos fatos políticos, mas sim nas mentalidades e em todos os aspectos que a permeiam. Outro ponto é que tanto o Estado, partidos, eleições e a diplomacia na “nova” história política passam a ser vistos num período de longa duração (ALBERNAZ, 2011).

A fonte é fundamental para o trabalho do historiador; assim, tendo em vista que o respectivo estudo se debruça acerca do periódico *O Homem Livre*, é necessário, ainda que brevemente, discorrer sobre aspectos referentes às nuances e mudanças pelas quais as interpretações da História, produzida com base nesse tipo de fonte passou, primordialmente, ao longo do século XX. Desse modo, ainda no século XIX - quando a História se constitui e passa a consolidar-se como disciplina - até à emergência das problematizações surgidas com a

Escola dos Annales, havia uma perspectiva hegemônica que podia ser sintetizada nos seguintes termos:

É incontestável que a escola metódica se pautasse pela precisão vocabular, predileção pelo político, apego aos documentos, crença na possibilidade de um conhecimento objetivo, do qual o sujeito guardaria distância e autonomia em relação ao que pretendia compreender, aspectos que se aliavam ao paradoxal perfilar dessa história, autoproclamada neutra e objetiva, ao lado dos ideais, dos valores e das tarefas do regime republicano (LUCA, 2012, p. 16).

Nesse sentido, uma das renovações surgidas por meio da Escola dos Annales, a partir da terceira geração, capitaneada por Jacques Le Goff (1990) foi aquela que diz respeito ao uso de novas fontes, metodologias e temas, nesse caso, também, com a substancial emergência dos periódicos como fontes de estudo. Luca (1994) destaca os diferentes objetivos pelos quais a imprensa tem sido utilizada em pesquisas nas ciências humanas, principalmente pela capacidade de oferecer um panorama abrangente sobre inúmeras questões; entretanto, segundo Batista (2015), o que está escrito em um periódico não pode ser tomado como verdade definitiva, de modo que torna-se necessário, além da abordagem metodológica, a verificação de aspectos sociais que envolvem grupos responsáveis pela publicação, para quais grupos essa publicação estava voltada, bem como o local e o momento no qual este material circulou.

Em relação à metodologia empregada para a realização do projeto, trabalharemos com elementos da Análise dos Discursos (AD) com base nas obras da linguista Eni Orlandi. A autora aponta algumas questões fundamentais, quais sejam, a ideologia, a linguagem e a relação do sujeito com esta, bem como a relação do sujeito com a História.

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento: prática de linguagem. Com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2012, p. 15).

Desse modo, a análise dos discursos não pode ser reduzida ao componente gramatical e linguístico, ainda que estes também sejam importantes no percurso analítico; antes disso, se constitui como a busca por significados em movimento, tentando compreender e elucidar hipóteses e anseios, sem, no entanto, fechar-se a outras interpretações que possam surgir por meio de diferentes outras perguntas. É, também, a tentativa de compreensão daquilo que não está diretamente posto, conseqüentemente afirmando que não há neutralidade. Assim, para efetuar a análise do jornal, alguns elementos da AD tornam-se imprescindíveis. O primeiro

deles trata da formação discursiva, que segundo Orlandi (2012, p. 43) “se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.”

O tema do fascismo é amplamente estudado na historiografia e há inúmeros trabalhos, com diferentes enfoques, a seu respeito. De modo geral, para aqueles que desejam ter uma noção ampla e, ao mesmo tempo, aprofundada, indicamos a obra do cientista político e historiador norte-americano Robert Paxton, cujo livro *Anatomia do Fascismo* foi importante para a realização desse trabalho. Em âmbito nacional, o livro *Integralismo (o fascismo brasileiro na década de 30)* de Héglio Trindade, constitui-se como um clássico indispensável para aqueles que buscam compreender mais a respeito das aproximações e distanciamentos entre os fascismos europeus e o integralismo, e foi fundamental, na realização de nosso estudo, na compreensão sobre a conjuntura nacional do período *entreguerras*.

No campo de obras que abordam a esquerda brasileira e suas principais questões no período que cobre o recorte histórico deste trabalho, mencionamos *A formação das tradições (1889-1945)*. O livro organizado por Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis conta com diversos outros capítulos produzidos por estudiosos das ciências sociais e abrange diversas questões sobre a constituição da esquerda brasileira na amplitude de tendências a partir das quais se constituiu.

A respeito do nosso objeto de estudo, destacamos a tese de doutorado produzida por Ricardo Figueiredo de Castro, intitulada *Contra a guerra ou contra o fascismo: as esquerdas brasileiras e o antifascismo (1933-1935)*, que conta com capítulos específicos sobre a FUA (Frente única Antifascista) e *O Homem Livre*, os quais foram fundamentais para o desenvolvimento do presente trabalho. Porém, ao que pese o fato de abordarmos o mesmo periódico, Castro não busca analisá-lo de acordo com categorias da AD, antes disso, o insere como parte da contextualização como importante ferramenta da imprensa de esquerda em nosso país.

Nosso trabalho será dividido em dois capítulos. No primeiro deles, nosso objetivo é contextualizar o leitor a respeito de questões nacionais da década de 1920 e 1930, buscando compreender, desse modo, a conjuntura brasileira e como Plínio Salgado se insere no amplo debate nacional estabelecido naquele período. Além disso, também abordaremos o papel da imprensa operária e algumas das principais interpretações da esquerda brasileira no que diz respeito ao seu respectivo papel no enfrentamento ao fascismo e integralismo. Em nosso segundo capítulo, buscaremos aprofundar nossa análise acerca do jornal *O Homem Livre*, buscando contextualizar seu surgimento, autores e interpretações produzidas pelo veículo naquela conjuntura. Desta forma, pretendemos, como já dito, aprofundar a compreensão do

contexto em que o integralismo e o antifascismo estavam em voga no país, complexificando as ações e contra-ações vinculadas a esses e seus opositores.

## **CAPÍTULO I – O CONTEXTO NACIONAL E AS BASES DO INTEGRALISMO**

Ao longo do primeiro capítulo, iremos abordar o contexto histórico brasileiro e mundial do período *entreguerras* e algumas das motivações capazes de explicar a instabilidade política do período, bem como de que forma ela pode ter influenciado o pensamento de autores e lideranças de grupos políticos à direita do espectro político-ideológico brasileiro. Nesse sentido, é importante salientar que apesar de a AIB ter vivenciado seu auge nos anos de 1930, após a sua passagem de movimento cultural para organização política, foi na década anterior, em um momento de ascensão das discussões sobre os rumos do país, que se estabeleceram as bases para a sua formatação ideológica. Outro ponto importante, aliás, ao qual procuramos dar destaque, foi de que modo o jornalista e escritor Plínio Salgado se insere no contexto, buscando, desse modo, estabelecer seu papel enquanto liderança intelectual e política da direita brasileira. Ademais, buscaremos discutir como parte do movimento operário, através de suas organizações de classe e órgãos de imprensa, encarou essa escalada e quais as principais discussões internas acerca dos modos de enfrentamento aos integralistas.

### **1.1 A Instabilidade política na República Velha (1889-1930) e Plínio Salgado no contexto ideológico da década de 1920**

Segundo Ferreira; Sá Pinto (2006), os primeiros anos após a instauração da República no Brasil foram conturbados, de modo que o regime só passou a ter certa estabilidade quando, em 1898, a partir do pacto político dos governadores, ficou estabelecido uma maior autonomia para os estados da federação. Por outro lado, no entanto, essa autonomia teve como consequência um peso político desigual entre cada um dos entes regionais da federação, o que passou a ser questionado com maior força a partir da década de 1920, especialmente após o início do pleito de 1922. Nesse sentido, o Brasil passou por importantes mudanças econômicas, socioculturais e políticas ao longo da década de 1920. Durante esse decênio, o país vivenciou o auge do movimento Tenentista; viu nascer o PCB (Partido Comunista Brasileiro), em 1922, e, no mesmo ano, celebrou o primeiro centenário da independência e organizou a Primeira Semana de Arte Moderna. Todos esses acontecimentos influenciaram nos questionamentos em torno da chamada República Velha e pavimentaram o caminho para uma nova conjuntura.

De acordo com Fausto, o “processo político dos anos 1920 foi condicionado pelas mudanças na estrutura socioeconômica do país.” (2006, p. 305). Nesse mesmo sentido, Trindade observa alguns desses processos, destacando que:

O pós-guerra provoca uma transformação em vários níveis: intensifica-se a industrialização da economia; novas camadas urbanas se incorporam à luta social e política; a legitimidade do sistema político, dominado pelo grupo agrário exportador, é colocada em questão e uma mutação ideológica se opera entre as elites intelectuais (TRINDADE, 1974, p. 15).

Os anos 1920, desse modo, assinalaram o questionamento e o fim dos três elementos que formavam até então “o tripé sobre o qual se apoiava o sistema político da Primeira República: a grande propriedade cafeeira e de criação; a economia primário exportadora e o controle do poder político pela oligarquia rural (FAUSTO, 2006, p. 15). Segundo Fausto (2006), essa conjuntura de questionamento às oligarquias foi politicamente expressada já no início da década, através da Reação Republicana, uma aliança entre os estados do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, que lançou Nilo Peçanha (1867-1924) como candidato à presidência no pleito de 1922. Posteriormente, mas ainda durante o mesmo ano, surgiu o Tenentismo, assim denominado devido a importância que os tenentes assumiram na elaboração e liderança do movimento. Apesar de não haver, entre as suas pautas, um programa político claro e definido, estes estavam de comum acordo quanto a “dotar o país de um poder centralizado, com o objetivo de educar o povo e seguir uma política vagamente nacionalista; [...] o grande mal das Oligarquias - pensavam eles - consistia na fragmentação do Brasil” (FAUSTO, 2006, p. 314).

É nesse contexto de crise da República Velha, pois, que Plínio Salgado começa a atuar politicamente de forma mais incisiva. Nesse sentido, não há dúvidas quanto ao papel de liderança exercido por Salgado dentro da AIB, seja no que diz respeito à formatação ideológica do Integralismo, profundamente influenciada pelas suas ideias e trajetória política e cultural, mas também pelo seu papel de organizador, já que foi a partir de sua viagem à Itália, ocorrida em 1930, que a ideia de constituir um movimento de inspiração fascista tomou força. Assim, seu empenho em aglutinar diferentes grupos de direita atuantes na sociedade brasileira mostrou-se relevante para a constituição da SEP (Sociedade de Estudos Políticos), grupo embrionário do que viria a ser, em 1932, a AIB. Desse modo, ainda que não tenhamos, aqui, a intenção de aprofundar determinados elementos de sua biografia, um esboço de sua formação

política é necessário para compreendermos como Plínio Salgado inseriu-se definitivamente na vida política e cultural do país.

De acordo com Trindade (1974), Plínio Salgado nasceu em 1895 na cidade de São Bento do Sapucaí, sendo filho de uma professora e de um farmacêutico, que, ligado ao Partido Republicano Paulista (PRP), também exercia a liderança político local na pequena cidade do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. Junto aos seus pais, Salgado toma as primeiras influências intelectuais, porém, com a morte do progenitor em 1911, precisa encerrar os estudos ainda no Ginásio, quando cursava Humanidades na cidade de Pouso Alegre - MG, e passa a trabalhar em diversas atividades, tendo maior contato com a vida intelectual quando ingressa no jornal *Correio de São Bento*, editado e distribuído na sua cidade natal, e assim prossegue seus estudos de forma autodidata, notadamente em filosofia, onde toma contato, primeiro, com a filosofia materialista e, depois, com a filosofia espiritualista de Jackson Figueiredo<sup>6</sup> (1891-1928), que ao longo dos anos 1920 e 1930 terá importante papel no seu desenvolvimento intelectual.

Um acontecimento, porém, marcará a vida de Plínio Salgado. Devido a motivações políticas, precisa deixar a cidade de São Bento do Sapucaí e muda-se para a capital do estado, São Paulo, onde passa a trabalhar no jornal *Correio Paulistano*, que se trata do órgão de imprensa oficial do Partido Republicano Paulista (PRP).

No *Correio Paulistano*, Salgado passa rapidamente de suplente de revisor à redação do jornal, por solicitação do redator-chefe, Menotti Del Picchia. Na redação do órgão oficial do Partido Republicano Paulista ele encontra o ambiente político de que necessitava. Os jornalistas estão em contato permanente com os dirigentes do partido, o que abre a possibilidade de uma eventual carreira política. Na situação de Salgado, jovem e ambicioso e oriundo de uma pequena cidade do interior, esta é a situação ideal. Ao mesmo tempo um ambiente intelectual de vanguarda, já que a maioria dos redatores apóia o movimento modernista, o qual o redator chefe, Menotti Del Picchia, é um dos líderes (TRINDADE, 1974, p. 47).

Esse contato, qual seja, com Menotti Del Picchia<sup>7</sup> (1892-1988) e todo o ambiente intelectual que entrava em ebulição no começo dos anos 1920, marcará uma importante

---

<sup>6</sup> Formado em direito, Jackson Figueiredo mudou-se para o Rio de Janeiro em 1914, onde se converteu ao catolicismo e tornou-se um dos mais importantes intelectuais do catolicismo leigo, movimento que buscava a recristianização do país. Na mesma cidade, trabalhou como jornalista e criou a revista *A Ordem*, importante publicação deste segmento intelectual. (SOARES, 2017, p. 40-47).

<sup>7</sup> Formado em direito, Menotti Del Picchia exerceu diversas outras atividades, dentre elas, a de jornalista, fazendeiro e político. Como jornalista, obteve maior destaque quando dirigiu o *Correio Paulistano*, Órgão de



inflexão no pensamento de Plínio Salgado: “É praticamente consenso entre os estudiosos do pensamento de Plínio Salgado que a inserção dele no movimento modernista nos anos de 1920 foi decisiva para a sua formação política e ideológica e para a posterior organização do Integralismo” (VICTOR, 2013, p. 39).

Tendo como evento seminal a Semana de Arte Moderna de 1922, o modernismo brasileiro, contudo, tem sua gênese ainda na década anterior e influenciará decisivamente a vida cultural e política do país nas décadas posteriores. Segundo Nascimento (2015), a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, ao longo do mês de fevereiro de 1922, contou com diversas atividades, dentre as quais, exposições de pinturas, apresentações artísticas de dança e teatro, bem como concertos musicais, leituras de poema e demais atividades de cunho artístico e cultural. A elaboração do evento em 1922 servia ao propósito de “unir aos festejos do centenário da independência do Brasil [...] o marco de *outra independência*, a da cultura brasileira, paradoxalmente sob a inspiração das vanguardas estéticas europeias: a futurista, a cubista, a expressionista e a dadaísta” (NASCIMENTO, 2015, p. 382).

No que diz respeito a participação de Plínio Salgado no movimento, de acordo com Trindade (1974, p. 50), “Salgado participa discretamente da Semana de Arte Moderna e sem o prestígio dos grandes nomes [...] e será mais importante nas correntes pós-modernistas”. O mesmo autor ainda destaca que no estado de São Paulo havia duas principais tendências dentre as correntes surgidas e posteriormente aprofundadas após a Semana de Arte Moderna, quais sejam, a “primitivista”<sup>8</sup> e os “nacionalistas”<sup>9</sup>; esta última, será a opção adotada por Plínio Salgado, que primeiro se engaja no grupo intitulado Verde-Amarelo (EL-DINE, 2019), e este se transmuta no Grupo da Anta (EL-DINE, 2019). Segundo Trindade (1974), quando este cita palavras escritas por Plínio, um dos principais intentos da corrente nacionalista era em relação a uma volta às raízes, isto é, uma busca pela nacionalidade brasileira, pelos seus mitos, lendas, regionalismos etc. Victor, ao analisar o romance *O estrangeiro*, escrito por Plínio Salgado e lançado no ano de 1926, destaca que:

---

imprensa ligado ao Partido Republicano Paulista, onde Plínio Salgado também atuou. A literatura, no entanto, foi a atividade a qual se dedicou com maior entusiasmo. Além de ser um dos grandes divulgadores da Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, Menotti Del Picchia também foi um dos idealizadores do Verde-Amarelismo e do Grupo da Anta, tendências surgidas na primeira fase do Modernismo Brasileiro. (CAMPOS, 2007, p. 29-33).

<sup>8</sup> Ver: LIMA, 2016.

<sup>9</sup> Ver: LIMA, 2016.

Há clara sensação de desconforto da elite intelectual, de inquietude que, ao mesmo tempo, incitava a discussão, a busca da ordem simbólica necessária à nação. É dessa necessidade que se ocupou Salgado: diante das incertezas atinentes ao mundo moderno, exigia-se pensar a nação, defini-la, buscá-la. (VICTOR, 2013 p. 40).

Ainda de acordo Victor (2013), ao longo da narrativa delineiam-se algumas das formulações teóricas que posteriormente serão utilizadas no arcabouço teórico da Ação Integralista Brasileira, como a valorização e idealização do sertão e do caboclo e, também, o anticosmopolitismo:

Nesse contexto, o argumento aqui defendido é o de que as linhas gerais do pensamento conservador de Salgado esboçavam-se nos anos de 1920 e que, embora tenha incorporado elementos novos nos anos de 1930, como o corporativismo, e ainda aprofundado o espiritualismo cristão, em especial nos anos de exílio em Portugal (1939-1946), seus aspectos essenciais foram mantidos e atravessaram as décadas, aglutinando uma considerável militância que compartilhava e tal pensamento e de seu projeto político para o país. (VICTOR, 2013, p. 43).

A década de 1920, aliás, foi profícua no que diz respeito à contestação do papel do Estado brasileiro e na participação de intelectuais no debate público, especialmente em relação à conformação da constituição de um pensamento nacionalista-autoritário de direita:

Os anos 20 foram decisivos para a configuração da ideologia e da corrente intelectual autoritária-nacionalista, na medida em que uma série de fenômenos convergiam para reforçar a sensação de que o modelo político liberal-oligárquico era incapaz de responder os desafios de então (BEIRED, 1999 p. 34).

Estes desafios, por sua vez, segundo Beired (1999), impulsionaram que, ao longo da década de 1920, diferentes segmentos da sociedade brasileira passassem a problematizar e propor, com mais empenho, soluções para os chamados problemas nacionais, o que pode ser verificado e atestado pela Semana de Arte Moderna, pela criação do Centro Dom Vital<sup>10</sup>, além

---

<sup>10</sup> Fundado em 1922 por um grupo de intelectuais católicos liderados por Jackson Figueiredo, o Centro Dom Vital, ainda existente nos dias de hoje, é uma associação cultural que tem por objetivo aglutinar a intelectualidade católica do Brasil. No início da década de 1920, a maior preocupação dos seus membros era sobre a perda de espaço que a instituição enfrentava dentro da sociedade brasileira (ARDUINI, 2014, p. 49-52).

da fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Conseqüentemente, em relação a esses setores, tivemos importantes rupturas e renovações do arcabouço teórico dentro do movimento operário, no seio do catolicismo, entre os militares e, também, na intelectualidade brasileira. Em comum, havia a perspectiva de que o “problema nacional residia na cópia de modelos estrangeiros e na falta de contato entre as instituições e a realidade brasileira” (BEIRED, 1999, p. 34).

Nesse mesmo sentido, Irschlinger afirma que “o principal projeto visava construir uma nação com identidade própria, com elementos homogêneos e característicos que abarcassem todo o território nacional” (2017, p. 52). Especificamente no que diz respeito à direita nacional-autoritária, sem que o mesmo diagnóstico valha para correntes intelectuais de outras matizes políticos:

A direita nacionalista brasileira desenvolveu um elenco de representações sobre a crise nacional em torno de certos denominadores comuns: necessidade de consolidar a nacionalidade, combater as ideologias exógenas, conferir maiores prerrogativas ao poder central em detrimento dos poderes locais e substituir os fundamentos institucionais do estado brasileiro (BEIRED, 1999, p. 41).

Ainda Beired (1999), quando analisa as principais correntes autoritárias desse interregno de tempo, identifica que o Integralismo viria a se constituir, na década posterior, como a mais radical delas, apontando que:

Havia consenso entre seus membros sobre uma série de princípios doutrinários básicos. A crítica ao liberalismo, à democracia, ao comunismo e ao capitalismo, na medida em que representavam o avanço do materialismo e da ciência desde o início dos tempos modernos (BEIRED, 1999, p. 43).

Assim, compreendemos que a direita-autoritária brasileira comungava de uma mesma percepção acerca dos principais problemas nacionais, no entanto, as respostas para eles divergiam. Foi a partir da constituição do Integralismo como movimento político, na década posterior, que se verificou maior homogeneidade nas ideias apresentadas como solução para estes problemas nacionais, segundo acreditavam.

## 1.2 O surgimento da AIB

À parte da trajetória intelectual de Plínio Salgado, diversos grupos, liderados por outras pessoas e com base política em diferentes estados da federação, também são importantes de ser mencionados para que possamos compreender a força que a Ação Integralista Brasileira viria a tomar no início da década de 1930. Estes grupos, por sua vez, em geral, são inspirados de maneira mais direta pelos fascismos europeus, especialmente o italiano, e assinalam a penetração do ideário fascista na sociedade brasileira.

Nesse sentido, Fagundes (2009) busca traçar a gênese e o desenvolvimento de algumas das primeiras organizações de cunho abertamente fascista, identificando a Legião Cruzeiro do Sul e o Cravo Vermelho como movimentos embrionários no país. Mais tarde, surgem o Partido Fascista Brasileiro, “de óbvia influência do fascismo italiano” (p. 48), e o Partido Sindicalista Brasileiro, cuja liderança, Olbiano de Mello<sup>11</sup>, lançou livros e outros materiais de conteúdo partidário-programático alertando seus afiliados e simpatizantes a respeito do perigo do comunismo e da organização do movimento operário. Outras agremiações, como a Ação Social Brasileira<sup>12</sup> (ASB) e a Legião Três de Outubro, também arregimentaram a simpatia de centenas de pessoas e buscaram seguir uma padronização de forte influência fascista, no entanto:

Veio do nordeste do país a organização que conseguiu estruturar-se e atrair um amplo leque de filiados e militantes. Lançada oficialmente em outubro de 1931, a Legião Cearense do Trabalho (LCT) foi idealizada pelo Tenente Severino Sombra. Esse militar sofreu forte influência do pensamento conservador católico, sobretudo das obras de Jackson de Figueiredo, tanto que muitos padres, entre eles Helder Câmara, acabaram aderindo à Legião por conta de seu discurso moderado sobre a relação entre patrões e trabalhadores (FAGUNDES, 2009, p. 49).

Assim, ainda que não tenhamos a intenção de traçar maiores particularidades de cada uma dessas organizações, dentre as quais, inclusive, há escassez de fontes e maiores

---

<sup>11</sup> Autor de *República Sindicalista do Brasil*, um dos primeiros textos, no país, a conter maiores reflexões a respeito do corporativismo, Olbiano de Melo foi, por esse motivo, convidado por Plínio Salgado a ingressar nas fileiras do integralismo, onde atuou como dirigente político em Minas Gerais (COSTAGUTA, 2019, p. 46-47).

<sup>12</sup> Ver: Haydn, 2017.

informações, uma breve introdução se faz necessária pois a emergência e constituição destas agremiações ajuda a explicar a circulação de ideias de cunho fascista, que passa a existir com maior força no Brasil logo no início da década de 1920, e porque algumas delas, como a LCT, comporão a SEP, organização anterior a AIB. Além disso, por tratar-se de grupos presentes em estados como Rio de Janeiro, Ceará e Minas Gerais, também são chaves explicativas para entendermos a proporção nacional que o grupo liderado por Plínio Salgado tomou logo após os primeiros meses de sua existência.

Diversos autores, dentre os quais Gonçalves; Caldeira Neto (2020) e Trindade (1974), entram em consenso quando afirmam que a viagem de Plínio Salgado à Itália, ocorrida no ano de 1930, e o conseqüente encontro com o líder fascista italiano Benito Mussolini (1883-1945), foram fundamentais para a decisão do brasileiro de lançar mão de um movimento político, cuja gênese se deu a partir da formação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Nesse sentido, “o encontro com Mussolini teve grande importância, pois, a partir dessa aproximação, foi possível consolidar elementos políticos e intelectuais que estavam em formação nas décadas anteriores (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p. 11). Ao escrever sobre esse período, Trindade (1974, p. 81) diz que:

A fase pré-integralista inicia quando Plínio Salgado incorpora à ação política os temas nacionalistas vinculados à sua experiência modernista. Esta fase se caracteriza pelo processo de maturação de uma nova doutrina política, após o rompimento com o Partido Republicano Paulista. Os contornos definitivos da ideologia em elaboração se definem durante sua viagem ao Oriente [...] desiludido com o partido ao qual pertencia, Salgado medita sobre a política brasileira à luz da experiência europeia da época. Neste período, a ideia fascista se insinua de forma explícita em seu espírito.

De acordo com Gonçalves; Caldeira Neto (2020), o encontro da comitiva da qual Plínio Salgado participava com Benito Mussolini foi rápido, cuja viagem fazia parte de um roteiro que incluía diversos outros países da Europa e do Oriente Médio, tendo sido realizada entre os meses de abril e outubro de 1930, mês que marca a chegada ao poder do grupo político liderado por Getúlio Vargas. No entanto, “ao retornar ao Brasil, por ocasião da eclosão da Revolução de 1930, não considera oportuno fundar o integralismo e dedica-se ao jornalismo político” (TRINDADE, 1974, p. 81).

Segundo Ferreira; Sá Pinto (2006), a Aliança Liberal, tendo como principais estados de sustentação o Rio Grande do Sul, a Paraíba e Minas Gerais, possuía um conteúdo político e programático voltado à modernização do estado brasileiro, cujo slogan de campanha, “justiça e representação”, simbolizava esse intento. Assim, entre as pautas caras ao grupo liderado pelo político sul riograndense e Ministro do Trabalho durante o Governo Washington Luís (1926-1930), Getúlio Vargas, havia a promessa de criação de uma justiça eleitoral e a instituição do voto secreto, a absolvição dos presos políticos ligados ao Tenentismo, além de pautas relacionadas ao mundo do trabalho, dentre as quais a regulamentação do trabalho exercido por mulheres e menores de idade e, também, a lei de férias.

De acordo com Oliveira (2016), a partir de 1931, Plínio Salgado passa a escrever no jornal *A Razão*, órgão da imprensa nacionalista fundado por Alfredo Egídio de Souza Aranha<sup>13</sup> (1894-1961), e nele ocupa o papel de redator, sendo “responsável pela principal coluna do periódico, chamada *Nota Política*” (p. 130). Plínio Salgado, naquele momento, deu especial atenção à questão envolvendo o prosseguimento do Governo Provisório<sup>14</sup> ou o chamamento de uma nova Assembleia Constituinte, que será um dos motes para o início da Revolução Constitucionalista<sup>15</sup>, em 1932, no estado de São Paulo:

Parte da opinião pública, tendo São Paulo como líder e com apoio de grupos revolucionários da oposição do Rio Grande do Sul e de Minas, reclama a convocação imediata da Assembleia Constituinte, em nome dos ideais liberais. Outra parte, de tendência antiliberal, lideradas pelas correntes dominantes do Tenentismo, do Clube 3 de Outubro, defende a continuidade do Governo Provisório. A posição de Salgado, manifestada diariamente em uma “nota política” no Jornal *A Razão* de São Paulo, é a de um franco-atirador apoiando as teses do segundo grupo (TRINDADE, 1974, p. 88).

Este apoio, por sua vez, vira colaboração a partir do momento em que Plínio Salgado acredita que o “Governo Provisório, se apoiando em especialistas dos problemas nacionais,

---

<sup>13</sup> Advogado, empresário e banqueiro, Alfredo Egídio de Souza Aranha, também foi idealizador e proprietário do jornal *A Razão*, onde Plínio Salgado foi articulista. Era amigo pessoal do líder integralista, e foi o mecenas que financiou a viagem de Salgado à Itália. (GONÇAVES; CALDEIRA NETO, 2020).

<sup>14</sup> Primeira etapa do Governo Vargas (1930-1945), corresponde ao período que vai até 1934, quando, após a Assembleia Constituinte e aprovação de uma nova constituição, Getúlio Vargas é legalmente eleito para um mandato de quatro anos.

<sup>15</sup> Em 1932, eclodiu em São Paulo um movimento armado liderado pela insatisfeita elite paulista, mas que também cotou com algum apoio popular, cujo objetivo central “realizar um ataque fulminante contra a capital da República, colocando o governo federal diante da necessidade de negociar capitular”. (FAUSTO, 2006, p. 346).

disporá das melhores condições para elaborar uma nova concepção de estado, dando rumos definitivos ao movimento revolucionário”. (TRINDADE, 1974, p. 92). Contudo, apesar deste desejo, Plínio Salgado sente-se decepcionado com a postura que crê equivocada do Governo Provisório de Getúlio Vargas (1882-1954), e a partir disso, há um novo impulso que resultará na criação da Sociedade de Estudo Políticos.

A Sociedade de Estudos Políticos (SEP) foi fundada em março de 1932, isto é, poucos meses antes da Revolução Constitucionalista, que foi deflagrada em julho do mesmo ano: “O embrião da AIB [...] foi criada por um grupo de profissionais liberais e estudantes da cidade de São Paulo. Seus objetivos originais eram a realização de debates e discussões teóricas sobre a realidade política e social brasileira (FAGUNDES, 2009, p. 51).

No que diz respeito a natureza das teses defendidas pelos membros da entidade, havia diferenças, no entanto, “o perfil político era eminentemente que agregava elementos que defendiam teses antiliberais e nacionalistas” (FAGUNDES, 2009 p. 51). Naquele momento, entre seus membros, já estavam integrantes que viriam a ocupar posições importantes dentro da Ação Integralista Brasileira, “como Miguel Reale, Gustavo Barroso, Raymundo Padilha e Olbiano de Melo. (VICTOR, ANO, p. 46). Um dos intentos da organização, que logrou êxito, foi a transmutação de Sociedade de Estudos Políticos para uma organização política. Assim,

Plínio Salgado conseguiu convencer a maioria dos membros do SEP e aprovar uma proposta de criação de uma coalizão de partidos, organizações e movimentos que defendiam as mesmas propostas. Com isso, após inúmeras reuniões e trocas de correspondências, foi fundada oficialmente, no dia 07 de outubro, no Teatro Municipal de São Paulo, a Ação Integralista Brasileira. (FAGUNDES, 2009, p. 52).

Após alguns meses como SEP, o dia 7 de outubro foi a data escolhida para o lançamento e leitura do *Manifesto de Outubro*, documento que assinala a criação da Ação Integralista Brasileira. A partir disso, o grupo reunido em torno de Plínio Salgado passa a se organizar como uma agremiação política, com conteúdo ideológico definido e visando constituir uma estrutura organizacional partidária em busca do poder político.

Quanto ao seu conteúdo ideológico, a AIB, segundo o *Manifesto de Outubro de 1932*, documento que dá base à sua constituição como movimento organizado e que define as diretrizes de sua atuação, há a referência e teorizações aos seguintes tópicos, que compõe a

divisão do documento: 1º - Concepção do universo e do homem; 2º - Como entendemos a nação brasileira; 3º - O princípio de autoridade; 4º - O nosso nacionalismo; 5º - Nós, os partidos e os governos; 6º - O que pensamos das conspirações e da politicagem de grupos e facções; 7º - A questão social como a considera a Ação Integralista Brasileira; 8º - A família e a nação; 9º - O município centro das famílias, célula da nação; 10º - O estado integralista.

Nesse sentido, o documento esboça diretrizes e apontamentos a respeito de todos os tópicos e questões listados acima, definindo que:

O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade. Vale pelo estudo, pela inteligência, pela honestidade, pelo progresso nas ciências, nas artes, na capacidade técnica, tendo por fim o bem-estar da Nação e o elevamento moral das pessoas ( SALGADO, 1955, p. 95).

Ao refletir sobre a definição do conceito de fascismo, Bobbio (1998) escreve sobre como um único termo ou jargão político pode ser pensado e utilizado a partir de significados muito diferentes ao longo do tempo, algo que pode ter relação com a falta de rigor teórico na sua utilização. Assim, é possível afirmarmos que, ao menos dentro do universo dos conceitos políticos, o fascismo seja potencialmente um dos termos de mais difícil definição. Nesse sentido, porém utilizando outro enfoque, Bray (2019) chama a atenção para a própria multiplicidade de discursos que lideranças fascistas da Europa, entre 1920-1945, mobilizaram quando falavam a respeito das ideologias que representavam, de forma que “o fascismo é, talvez, mais que qualquer outro modo de política notoriamente difícil de definir” (2019, p.34).

Além disso, ainda que, aqui, nossa intenção não seja a de esgotar o assunto, é importante mencionarmos também que há discussões consideráveis acerca de elementos definidores e definitivos do fascismo, bem como em relação ao seu recorte temporal. Desse modo, apesar do reconhecimento de critérios para pensar mudanças e rupturas entre o chamado fascismo clássico e movimentos influenciados pela ideologia no pós-1945, autores como Eco (2020) analisaram e escreveram sobre o fascismo não o encarcerando como um modo de fazer política delimitado dentro do período *entreguerras*, mas antes disso, buscando concebê-lo como uma série de práticas ainda hoje mobilizadas, e não resignadas apenas à política institucional ou a outros movimentos políticos atuantes na sociedade civil, ainda que estes não tenham necessariamente maiores pretensões eleitorais.



Ademais, no que diz respeito a definições norteadoras, algumas, como a de Reich (1988), buscaram encarar o fascismo a partir de seus supostos aspectos psicológicos, que seriam capazes de explicar o porquê de tamanha adesão ao movimento. Ao que pese a importância destes significados para destacarmos questões importantes da historicidade do conceito, em nosso trabalho, partiremos da definição elaborada pelo historiador norte-americano Robert Paxton, que diz:

O fascismo no poder consiste num composto, um amálgama poderoso dos componentes distintos, mas combináveis, do conservadorismo, do nacional-socialismo e da direita radical, unidos por inimigos em comum e pela mesma paixão pela regeneração, energização e purificação da nação, qualquer que seja o preço a ser pago em termos das instituições livres e do Estado de direito. As proporções exatas dessa mistura resultam de processos tais como escolhas, alianças, compromissos e rivalidades. O fascismo em ação se assemelha muito mais a uma rede de relações que a uma essência fixa (PAXTON, 2007, p. 336).

Assim, por meio da definição de Paxton, podemos perceber que os fascismos não tiveram necessariamente programas definidos, mas essa rede de relações citadas pelo autor, por sua vez, nos ajuda na compreensão e identificação de elementos que os une, como a adaptação de um conteúdo nacionalista, a crítica a um programa liberal e democrático e, também, a concordância quanto a inimigos em comum, que terão desdobramentos diferentes em cada país.

Não obstante, ainda que a AIB não tenha se constituído como governo, essa definição é interessante, pois chama atenção para essa rede de relações mutáveis. Ademais, o autor também problematiza a questão referente a estudiosos do tema que interpretam o fascismo como um fenômeno unicamente europeu do período *entreguerras*, e aponta sobre as influências do movimento na América do Sul, especialmente no Brasil, onde:

A coisa mais próxima a um partido de massas fascista foi a AIB [...] Salgado conseguiu mesclar imagens históricas brasileiras com os aspectos mais abertamente fascistas de seu programa, tais como ditadura, nacionalismo, protecionismo, corporativismo, antissemitismo (PAXTON, 2007, p. 114).

Assim, Trindade (1974) identifica através de uma série de ideias incorporadas dos fascismos europeus entre os militantes integralistas, quais sejam, nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo, antiplutocratismo, espiritualismo, antissemitismo e visão pessimista da história, há um caldo cultural e social político próprio do Brasil das décadas de 1920 e 1930 que não podem ser esquecidos na análise das particularidades do Integralismo. Assim, “ainda que o contexto fascista europeu seja decisivo para definir a natureza da ideologia integralista, não se pode desvinculá-la do clima intelectual do pós-guerra que se constitui a fonte onde o Integralismo busca suas raízes nacionais” (TRINDADE, 1974, p. 27-28).

O conteúdo fascista do Integralismo é resultante da conjugação entre um modelo de referência externo fascista e condições nacionais favoráveis. As hipóteses particulares para verificar a validade da proposição geral são as seguintes: O Integralismo seria um movimento fascista em função da composição social dos seus aderentes; das motivações de adesão de seus militantes; do tipo de organização do movimento; do conteúdo explícito do discurso; das atitudes ideológicas de seus aderentes; enfim, do sentimento de solidariedade do movimento com relação à corrente fascista internacional (TRINDADE, 1974, p. 12).

Consequentemente, podemos perceber que apesar de os fascismos comungarem de elementos ideológicos, há diferenças substanciais em como a ideologia é incorporada nos diferentes países e seus respectivos contextos nacionais. Ainda assim, ao que pese tratar-se de um conceito cujo a definição é de mais difícil precisão, buscamos, aqui, delimitar aspectos que os constituem, sem esquecermos, porém, de tratar de aspectos centrais da conjuntura brasileira daquele período, que por sua vez nos ajudam a elucidar características básicas da singularidade do integralismo.

### 1.3 O antifascismo e a imprensa operária

De acordo com Mark Bray (2019), definir antifascismo pode parecer tarefa fácil devido ao caráter de negação que o termo possui, e conseqüentemente abarcar “uma ampla variedade de atores históricos, incluindo liberais, conservadores e outros que combateram regimes fascistas antes de 1945”. (p. 32). Desse modo, é preciso dizer que anarquistas, marxista-leninistas, trotskistas e sociais-democratas, só para citar algumas das correntes identificadas com o pensamento de esquerda, possuíram divergências significativas na interpretação do fascismo e de como deveriam combatê-lo. Assim, na esteira das definições sobre antifascismo, Bray diz:

No entanto, a redução do termo à mera negação obscurece a compreensão do antifascismo como um método de política, um *lócus* de autoidentificação e de grupo, de um movimento transnacional que adaptou correntes socialistas, anarquistas e comunistas preexistentes a uma súbita ameaça de reagir à ameaça fascista (BRAY, 2019, p. 32).

Como o recorte temporal de nosso trabalho abarca um período que, em âmbito nacional, as discussões sobre fascismo e o conseqüente papel das articulações antifascistas ainda eram relativamente recentes, não nos cabe discutir o antifascismo como um *lócus* de autoidentificação, como diz Mark Bray. No entanto, acreditamos que é possível verificar adaptações e adequações das correntes da esquerda brasileira quanto à ameaça fascista no país, e assim, buscamos compreender quais as interpretações e medidas gerais concernentes ao fascismo adotadas pelo PCB, ligado ao Comintern<sup>16</sup>, e dos seus dissidentes, a Oposição de Esquerda (OE)<sup>17</sup>.

Ainda durante os anos 1920, período que marca a sua fundação, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) passou por transformações importantes. De acordo com Del Roio (2007), havia grupos comunistas espalhados pelo país antes de 1922, muitos deles influenciados pelo êxito da Revolução Russa de 1917, no entanto, é em 1921, a partir do sucesso de iniciativas

<sup>16</sup> A III Internacional, ou Comintern - em russo, escreve-se Komintern - era a união dos diversos PC's (Partidos Comunistas) ao redor do globo. Funcionou entre 1919-1943. (DINIZ; BAUER; DELCORSO, 2019).

<sup>17</sup> Dissidência surgida originalmente dentro do Partido Bolchevique, seus integrantes não concordavam com a política centralizadora de Josef Stálin (1878-1953), além de defenderem a internacionalização da revolução, tese defendida por León Trotski (1879-1940). A partir do início dos anos 1930, a Oposição de Esquerda se organizou em âmbito internacional, sendo, no Brasil, Mário Pedrosa um dos responsáveis por sua estruturação. (Prado, 2019).

semelhantes no Uruguai e Argentina, que se inicia, no Brasil, um processo mais sistematizado buscando constituir um Partido Comunista:

Considerando-se que o IV Congresso da Internacional Comunista deveria realizar-se em julho de 1922, por sugestão de argentinos e gaúchos, foi tomada a decisão de apressar o congresso de fundação do PCB, ainda em tempo se solicitar filiação à IC. O I Congresso do PCB realizou-se, enfim, entre os dias 23 e 25 de março de 1922, iniciado no Rio de Janeiro e concluído em Niterói, com a participação de nove delegados, que representaram 73 militantes (DEL ROIO, 2007, p. 232).

Ao longo dos anos 1920, o PCB “realizou três congressos, uma conferência nacional, ligou-se à III IC, fundou o jornal *A Classe operária*, foi responsável pelo jornal *A Nação*, editou a revista *Autocrítica*” (VIANA, 2009 p. 333). Entretanto, ao final da mesma década, “a intervenção direta da IC praticamente acabou com a vida política e orgânica do PCB (VIANA, 2007, p. 333). É nesse momento, aliás, que o trotskismo passou a se organizar no Brasil:

Isso se deu como resultado, em escala internacional, da polêmica entre Joseph Stalin e Trotski na disputa pela liderança dos rumos da Revolução Soviética de 1917 e do Estado Soviético, e, em patamar regional, da reação aplicada à política aplicada pelos comunistas locais, no caso, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) (NETO, 2007, p. 381).

As diferenças políticas entre trotskistas e stalinistas, Comintern e Oposição de Esquerda, têm como um dos principais pontos de disputa a questão referente à constituição de alianças políticas. Nesse sentido, ao passo que o “Comintern recusava-se a integrar qualquer frente única da qual participassem outras organizações de esquerda” (CASTRO 2007, p. 432), os trotskistas, responsáveis pela criação da Frente Única Antifascista (FUA), “propunham a política de frente única de todas as organizações operárias como forma de fazer frente ao fascismo e lutar pelo estabelecimento das bases objetivas e subjetivas da revolução socialista” (CASTRO, 2007, p. 432-433).

Segundo Castro (2005, p. 64), “o biênio 1933-1934 é o ponto de inflexão do fascismo e do antifascismo no Brasil.” A FUA, por sua vez, foi resultado dos esforços empreendidos naquele contexto pelos militantes antifascistas frente aos avanços da AIB no Brasil, em um momento internacionalmente marcado pela consolidação do nazifascismo na Europa.

Participaram do evento fundador, além do PSB paulista, o Grêmio Universitário Socialista, a União dos Trabalhadores Gráficos (UTG), a Legião Cívica 5 de Julho, a Liga Comunista, a seção paulista do Partido Socialista Italiano, a Bandeira dos Dezoito, o Grupo Socialista Giacomo Matteotti, o Grupo Italia Libera a revista *O socialismo* e os jornais *O Homem Livre* e *A Rua*. (CASTRO, 2007, p. 434).

Ao abordar as organizações que foram partícipes do evento de fundação da FUA, as quais, no entanto, não compareceram em todas as outras reuniões posteriores, diz:

O conjunto de fundadores e aderentes da FUA demonstra o amplo leque das forças que formava essa organização antifascista. O seu espectro político ia da esquerda tenentista, passando pelos socialistas brasileiros e italianos, e chegando aos trotskistas. Os anarquistas não aderiram formalmente, mas deram apoio político. A única força política importante que não participou da fundação foi o Partido Comunista do Brasil. (CASTRO, 2007, p. 435).

No que tange à oposição entre Comitern e Oposição de Esquerda, existia a disputa entre os dois acerca de qual organização tomaria a frente na luta contra o fascismo, de modo que “essa relação da FUA com o PCB era dificultada, ainda, pelo fato de este ter criado, na mesma conjuntura, o Comitê Antiguerreiro.” (CASTRO, 2007, p. 436). Havia, também, acusações à militantes ligados ao Trotskismo e à FUA, inclusive com menções a estes serem “policiais a serviço do imperialismo” (ABRAMO, 2014, p. 31).

De acordo com Coben (2012), o início e o desenvolvimento da imprensa operária no Brasil estão atrelados ao movimento anarquista, que exerceu hegemonia entre os trabalhadores do país desde o surgimento das primeiras organizações de classe voltadas à reivindicação por melhores condições de trabalho, até a fundação do PCB, em 1922. Constituindo-se como o principal meio de comunicação entre os trabalhadores, os jornais provenientes da imprensa operária, no entanto, ao que pese a importância que dedicavam a questões referentes a melhores salários, à propaganda em torno da greve geral e ao direito de organização sindical, não ficavam resignados apenas a essas pautas, assim, em suas páginas, eram colocadas ideias teóricas de acordo com a ideologia da publicação, bem como demais textos abordando a vida cultural. Consequentemente, entre o final do século XIX e durante o primeiro terço do século XX, centenas de jornais foram gestados:

A espantosa quantidade de impressos publicados por e para operários nas duas primeiras décadas do século XX foi decorrência desse processo. Cada liga, cada união, cada sindicato tinha a sua própria folha, que veiculava os comunicados e as atividades das diversas entidades, além de artigos em que se discutia a questão mais ampla da representação dos interesses da classe operária (COBEN, 2012, p. 122).

Ao citar o número de publicações da imprensa operária, Coben (2012, p. 122), aponta que “entre 1890 e 1923 foram lançados 343 jornais, dos quais 72% nos estados de São Paulo (149) e Rio de Janeiro (100).” No entanto, apesar da quantidade de periódicos, boa parte deles possuía problemas com a periodicidade ou teve duração efêmera por questões relacionadas com a dificuldade e falta de apoio financeiro, além disso, a apreensão, por parte de órgãos e agentes da repressão, do equipamento necessário à elaboração dos jornais também era relativamente comum.

Após 1930, com as políticas gestadas por Getúlio Vargas, que tinham por objetivo atrelar os sindicatos à máquina do Estado, a quantidade de publicações da imprensa operária diminuiu significativamente, o que não impediu, porém, que frente à conjuntura de consolidação da Ação Integralista Brasileira, jornalistas se reunissem para criar o periódico *O Homem Livre*:

Cerca de dois meses antes da fundação da FUA, jornalistas do vespertino paulista Diário da Noite lançaram um jornal antifascista [...]. Foram escolhidos o secretário de redação do Correio da Tarde, Geraldo Ferraz, para editor chefe – pelo fato de não ser ligado a nenhuma organização política –, o advogado José Perez para redator-gerente e Mário Pedrosa para secretário (CASTRO, 2007, p. 437).

Desse modo, compreendemos que ao longo da década de 1920 as bases que davam sustentação para a República Velha passaram a sofrer maiores questionamentos. No campo cultural, a Semana de Arte Moderna e o Modernismo simbolizam melhor do que qualquer outro acontecimento a efervescência dos debates sobre os sentidos do Brasil, aos quais Plínio Salgado se insere sendo um dos partícipes do movimento, onde conseqüentemente encontra espaço para teorizar sobre os rumos do país. Assim, acreditamos que a sua atuação intelectual durante toda a década o credenciou para ser um dos líderes da direita brasileira, papel ao qual assumiu definitivamente a partir do início dos anos 1930, quando aglutinou ao seu redor outros grupos que também nutriam inspirações pelos fascismos europeus. Nesse sentido, a década de 1930

marcou o surgimento oficial e auge do integralismo, que se impôs à esquerda brasileira como uma questão fundamental. É nesse momento, portanto, que teorizações sobre como combater os integralistas foram gestadas e táticas postas à prova, justamente enquanto os liderados por Plínio Salgado tornavam-se o primeiro partido político de massas do Brasil. Assim, no próximo capítulo trataremos a respeito do periódico *O Homem Livre*, um importante veículo de imprensa da esquerda paulista, que reuniu no seu entorno intelectuais ligados à FUA, por sua vez, uma organização criada para agrupar diversas tendências de esquerda dispostas a combater o fascismo e o integralismo

## CAPÍTULO II – O PERIÓDICO *O HOMEM LIVRE*

Ao longo deste capítulo, em primeiro lugar, iremos apresentar ao leitor aspectos de *O Homem Livre* e de sua trajetória, quais sejam, sua estruturação interna, algumas das pessoas que participaram de sua elaboração e da atividade jornalística desenvolvida em suas páginas ao longo das 22 edições que cobrem menos um ano. Ainda vamos discutir de que modo a publicação se insere, junto com outros periódicos, no contexto da década de 1930, bem como dar uma noção mais abrangente dos temas que compõem as edições. Além disso, mobilizando categorias da análise do discurso (AD) e, buscando pensar as matérias e artigos que compõem o jornal de acordo com noções que envolvem critérios de noticiabilidade, pretendemos compreender de que modo a publicação e seus articulistas interpretaram o integralismo brasileiro e o nazifascismo do contexto europeu.

### **2.1 *O Homem Livre*: jornalismo e antifascismo na década de 1930**

Ao iniciar este capítulo, se faz necessário dizer que não dispomos de maiores informações a respeito de *O Homem Livre* no que diz respeito à abrangência de sua circulação e o impacto e prestígio que a publicação obteve entre intelectuais, jornalistas e operários. No entanto, apesar destas lacunas, podemos estabelecer e compreender satisfatoriamente a trajetória do periódico ao longo do período em que esteve em atividade.

Ao que pese a importância de *O Homem Livre* no combate ao fascismo dentro do conjunto de publicações provenientes da imprensa operária, outros periódicos tiveram destaque nesse sentido. Além disso, órgãos de imprensa voltados e articulados com a pauta antifascista não eram necessariamente novidade em São Paulo, cidade com forte presença da coletividade italiana, cujas disputas entre fascistas e antifascistas foram intensas ao longo de todo o período *entreguerras*. Conforme indica Bertonha,

Já em 1919, de fato, periódicos de esquerda ligados à colônia italiana (como o anarquista *Alba Rossa* e outros) começam a publicar textos contra o fascismo. A primeira manifestação sistemática de antifascismo italiano em São Paulo foi, porém, a fundação do jornal *La Difesa* em 1923, por iniciativa de Antonio Piccarolo, socialista moderado italiano radicado no Brasil desde 1908 e muito ativo na vida da coletividade. (BERTONHA, 1998, p.2).



Ainda de acordo com Bertonha (1998), houve um esforço do governo italiano, através do cônsul Serafino Mazzolini (1890-1945), de controlar toda a vida da comunidade ítalo-brasileira, de modo que associações culturais e políticas foram aparelhadas pelos fascistas, e consequentemente antifascistas ligados à coletividade italiana encontraram dificuldades de articulação no meio dela.

Rodrigues (2017) diz que, a partir do início da década de 1930, com o acirramento do debate em torno do fascismo e dos modos de ação a serem empregados pela esquerda, jornais ligados aos anarquistas passaram a dedicar especial atenção ao tema, como ocorreu com *A Lanterna* (1901-1935) e *A Plebe* (1917-1951), periódicos fundados nas décadas anteriores, mas que voltaram a ser publicados com regularidade no momento que o ímpeto fascista passou a suscitar maiores preocupações dentro da esquerda paulistana e brasileira.

Assim, na primeira metade da década de 1930, mais especificamente em 1933, período em que o nazifascismo já estava consolidado em âmbito internacional, e nacionalmente marcado pela escalada do integralismo, diversos nomes da esquerda paulistana ligados à Oposição de Esquerda, muitos dos quais com passagens por outros periódicos, foram os responsáveis pela criação do *O Homem Livre*, que teve sua primeira edição publicada em maio daquele ano, buscaram divulgar notícias e compor análises que buscavam informar os trabalhadores sobre o perigo das ideologias as quais se opunham.

Figura 1 – Capa do jornal *O Homem Livre*



Fonte: *O Homem Livre*. nº 1, 27 de mai. 1933, p.1

*O Homem Livre* possuía boas qualidades gráficas e de acabamento, o que se justifica primordialmente devido à participação de jornalistas já experientes, com passagens em outras redações, além da participação direta de pessoas ligadas à UTG, conseqüentemente, treinados no manejo de todo o processo que se exigia, à época, para a confecção de materiais gráficos. Castro destaca que “mesmo com todos os problemas financeiros, o jornal da FUA tinha qualidades técnicas e editoriais. Sua diagramação era profissional, publicava charges oriundas de jornais estrangeiros, era ilustrado com gravuras do artista plástico Lívio Abramo” (CASTRO, 2005, p. 69).

Planejado para ser um jornal semanal - algo que ocorreu até sua 6ª edição, quando a publicação foi incrementada com maior número de notícias e teve um prazo maior entre a 6ª e a 7ª edição - *O Homem Livre* conseguiu cumprir com seu objetivo até a 10ª edição, e passou a ser publicado quinzenalmente de forma definitiva a partir de sua 14ª edição. Em relação ao número de páginas, as primeiras cinco edições possuem quatro; a 6ª edição, oito; da 7ª edição até à 13ª, são seis páginas; e da 14ª edição até à 22ª, que assinala o seu encerramento, a publicação volta a contar com as quatro páginas do início. Quanto à sua estrutura interna, com exceção do editorial, sempre localizado à esquerda da primeira página, não havia seções fixas.

Em *O Homem Livre*, pseudônimos como R.M, G, M.A. Jr, M. M aparecem e são constantes em meio às vinte e uma edições. Entretanto, alguns articulistas têm os seus nomes civis divulgados, como acontece no caso de Geraldo Ferraz, José Pérez, Lívio Abramo, Fúlvio Abramo, Goffredo Rosini e Mário Pedrosa. Abramo (2014, p. 31) diz que “colaboravam nesse primeiro número, com seus nomes reais ou pseudônimos, Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Aristides Lobo, Goffredo Rosini Miguel Macedo (que redigiu todos os editoriais), Lívio Abramo, seu ilustrador constante, e outros, até a suspensão das edições”.

Apesar de não ser nosso objetivo aprofundar sobre aspectos biográficos de cada um dos integrantes de *O Homem Livre* aos quais tivemos conhecimento da respectiva participação, cabe dizer que Lívio Xavier, Lívio e Fúlvio Abramo, Mário Pedrosa e Aristides Lobo foram integrantes do PCB na década de 1920 e, posteriormente, participaram da Oposição de Esquerda no Brasil, sendo, conseqüentemente, identificados como integrantes da primeira leva de trotskistas brasileiros.

Ainda que não possamos ter exatidão sobre quais integrantes permaneceram colaborando com a mesma assiduidade do início, a atribuição das tarefas individuais na elaboração e manutenção do jornal nos indicam dados relevantes. Além disso, é, importante

mencionarmos as motivações por trás das escolhas para os cargos de diretor e secretário geral, respectivamente, Geraldo Ferraz e José Pérez:

Foi resolvido que Geraldo Ferraz, por não ser militante da LCI e ser o menos comprometido do grupo perante a polícia política, seria o diretor do jornal. O advogado José Isaac Pérez foi indicado para o cargo de gerente. A mim coube o trabalho de secretário de fato, tendo a incumbência de reunir os artigos dos colaboradores, comprar o papel de impressão, encontrar tipografia disposta a arcar com o risco de estampar uma publicação que tinha todos os elementos para ser perseguida e mesmo suprimida, controlar a distribuição dos exemplares nas bancas de jornais e outras tarefas menores, sem contar também com a necessidade de preencher, com notas e outras matérias, os espaços em branco que poderiam sobrar aqui e ali. Além de sair à procura das contribuições para o pagamento das contas. (ABRAMO, 2014, p.31).

Dando destaque para a situação alemã e italiana, e assim buscando compreender o fascismo a partir de suas relações com a economia, a política e a sociedade, ao longo de toda a sua trajetória *O Homem Livre* reproduziu notas, matérias e artigos produzidos pela imprensa internacional, abrangendo, assim, publicações da Inglaterra, França, Estados Unidos e, por óbvio, de Itália e Alemanha. Além disso, trechos de livros e declarações de lideranças fascistas também compõem algumas edições, evidenciando o caráter pedagógico no objetivo de revelar, a partir da própria palavra dos seus opositores, as características destas ideologias.

Não obstante, artigos acerca da conjuntura nacional e sobre o integralismo estão presentes em todas as edições. Nestes, que pretendemos analisar, busca-se entender e justificar o fenômeno político integralista em nosso país, bem como formas possíveis de enfrentá-lo, dentre as quais, destaca-se a unidade em torno do antifascismo. Nesse sentido, é importante reiterar que por ser integrante da FUA e uma de suas bases de sustentação, *O Homem Livre* publicou comunicados e análises de conjuntura produzidos pela instituição.

Um ponto importante, aliás, é que entre o início e o final de sua veiculação, *O Homem Livre* modificou significativamente alguns dos temas abordados, o que acreditamos possuir relação com a conjuntura política e com o momento financeiro pelo qual a publicação passava. Nesse sentido, até a sua décima edição, *O Homem Livre* publicava em suas páginas artigos sobre cinema, literatura, ciências e música, ainda que todos esses temas não estivessem necessariamente presentes em cada uma das respectivas edições.

A partir da saída do Diretor-Gerente, José Pérez, matérias nesse sentido começaram a aparecer com menor frequência. O comunicado anunciado sua saída dizia “ deixou as funções de diretor-gerente deste jornal, o sr. José Pérez que nada mais têm a ver com O HOMEM LIVRE (*O Homem Livre*. *O Homem Livre*. nº 11, 03 de nov. 1933, p. 3). Na edição de nº 13,

é veiculado um comunicado relatando dificuldades financeiras para a manutenção da publicação:

Nestes últimos tempos, “O HOMEM LIVRE” tem sido publicado irregularmente. Nossos leitores devem ter constatado. Não queremos esconder a razão desse fato. O nosso jornal está lutando com falta de recursos. O “Homem Livre não é financiado por ninguém a não ser por um grupo de anti-fascistas cujo boa vontade tem sido apreciada e secundada por outros poucos amigos da nossa batalha (*O Homem Livre*. Aos nossos amigos leitores. nº 13, 2. set. 1933, p. 2).

Paralelamente a esses problemas financeiros e ao acirramento das tensões entre integralistas e antifascistas, temas como ciência e literatura passaram a ocupar menos espaço nas páginas do jornal, embora não tenham desaparecido.

## 2.2 Interpretações d’ *O Homem Livre* sobre o fascismo

Orlandi (2015) chama a atenção para as ramificações que devem ser levadas em consideração quando falamos a respeito das tipologias que compõem um discurso. Assim, questões estilísticas e de gênero textual, bem como divisões ideológicas - quando falamos de uma corrente teórica-política - serão importantes na análise do objeto em questão. Para encetar as análises, vamos nos basear em algumas categorias e regras para desvendar um discurso, quais sejam, entonação, tipologia, interlocutores, entre outros. Entendemos que não somos analistas do discurso, conforme definições da Linguística, mas que pela mobilização de elementos da AD podemos melhor compreender e analisar as fontes de pesquisa também na História.

Em relação a entonação do discurso, Orlandi (2005) aponta para a existência de três principais tipos de funcionamento discursivos, isto é, o discurso autoritário, o discurso polêmico e o discurso lúdico, marcados, respectivamente, pela polissemia contida, pela polissemia controlada e pela polissemia aberta; no entanto, como bem salienta Orlandi, “não há nunca um discurso puramente autoritário, lúdico ou polêmico (1995, p. 86). Consequentemente, a partir da análise desenvolvida ao longo das 22 edições de *O Homem Livre*, identificamos primordialmente elementos discursivos marcados pela polissemia contida, o que pode ser percebido, em um primeiro momento, ao longo das páginas do periódico, pela repetição de adjetivos e das construções narrativas mobilizadas para explicar o que é, como surgiu e quais as bases que constituem os fascismos.

Por outro lado, em inúmeros artigos, estão presentes a ironia e o sarcasmo na construção dos fascistas/integralistas. Utilizado em inúmeros artigos, segundo o *Dicionário Aurélio*, o substantivo feminino ironia trata da “ação de dizer o oposto do que se quer expressar”; em *O Homem Livre*, tal recurso é mobilizado com certa constância visando demonstrar e salientar aspectos caricaturais do fascismo e dos fascistas:

toda a gente esperava que o Sr. Plínio Salgado esco. lhesse para os panos que empunham os seus centuriões não o sigma grego cuja forma lembra a cruz [wastika], mas uma banana ou um abacaxi; e que as camisas de sua milícia fossem não da côr das azeitonas italianas mas daquelas que sustenta o auriverde pendão. (*O Homem Livre*. Realidades Brasileiras. *O Homem Livre*. nº 2, 03 de jun. 1933. p. 1).

No caso da notícia acima, a ironia está na suposta espera sobre a escolha do símbolo que seria estampado nos uniformes integralistas. A expectativa a respeito da banana e do abacaxi como insígnias oficiais, portanto, responde não a uma esperança séria e verdadeira, entretanto, comunica sobre a contradição dos integralistas na adoção de modelos e esquemas organizacionais do fascismo europeu, em detrimento de frutas associadas ao Brasil e, conseqüentemente, capazes de representar uma ideologia que se vinculou como nacionalista.

Em vão folheará os livros e folhetos escritos pelo senhor Plínio Salgado vem escrevendo depois que perdeu o PRP, quem neles quiser encontrar, para um exame mais sério, uma orientação filosófica, princípios sociais ou políticos. Nessas lamentáveis publicações a ignorância anda emparelhada com a demagogia mais barata e a charlatanice predomina. Tudo ali são pregões de camelot anunciando a panácea barata, a maravilha curativa: o integralismo.

Não tendo, para a realização de sua tarefa reacionária, recursos dos vultos daqueles que se serviu Hitler para mobilizar o chauvinismo das camadas mais densas da classe média (A Alemanha esmagada pelo tratado de Versalhes), ludibriando-as quanto aos seus verdadeiros interesses, para depois atirá-las contras as classes trabalhadoras, a posição do “Duce” é deveras lamentável.[...] Usa de artifícios os mais cômicos, não chegando nunca ao fim de nenhum raciocínio. Nisto ele não quer saber de ser integral. (*O Homem Livre*. O que é integralismo. nº 8, 17 de jul. 1933, p.1).

Em outra notícia, percebe-se a associação do integralismo com a cretinice, enfatizando a ausência de um arcabouço teórico que possa ser percebido como próprio e dotado de explicações racionais, com início, meio e fim, sobre a sociedade. O sarcasmo, nesse ponto, pode ser percebido no final da citação. Onde se lê “Usa de artifícios os mais cômicos [...] Nisto ele não quer saber de ser integral”, alude à percepção de que a única coisa realmente integral no integralismo é o uso de artifícios considerados de má-fé.

Outra notícia que trata da figura de Plínio Salgado de modo sarcástico está presente na edição de nº 10, referindo-se à uma viagem que o líder integralista fez, com seus companheiros, pelo norte e nordeste do Brasil:

Pelo que afirma um comunicado da Ação Integralista, o ilustre Freoli da política nacional se faz escoltar, nesta excursão, por discreto número de ajudantes de ordem. [...] A menos que o divino Plínio não perda no mar as já oleosas e sujas papeletas, pois neste caso estaria para sempre liquidada a balbuciante eloquência de nosso Mussolini-Mirim

Em todo caso, será curioso ouvir falar sobre moralidade e renovação mesmo por parte de quem, até outubro de 1930, não encontrou um momento qualquer para tirar o bico da fecunda teta do *Perrepê* (PRP), e que quimou pelas colunas do “*Correio Paulistano*”, toneladas de incenso sob os narizes dos vencidos de hoje, sobre as quais, agora escarra corajosamente, pela decentíssima razão de que não podem reformecê-lo de “princípios” sonantes. (*O Homem Livre*. O chefe nacional viaja, nº 10, 05 de ago. 1933 p. 5).

Neste artigo, são várias as camadas de ironia e sarcasmo na construção de Salgado. A presença dos adjetivos “ilustre” e “divino”, por óbvio, ironias, afinal estamos falando de um periódico reiteradamente antifascista, bem como o “discreto número de ajudantes da ordem” buscam construir a narrativa de um personagem, Plínio Salgado, com pouca importância, ancorado de poucas pessoas, o que dá a ideia de alguém que não é de fato levado a sério. A expressão “Mussolini-Mirim” significa, por seu turno, que Plínio não passaria de mera cópia do líder italiano, ao passo que “já oleosas e sujas papeletas” significariam a incapacidade em criar discursos novos, sendo, portanto, refém das coisas que repete reiteradamente. Por fim, Salgado ainda é tratado como oportunista, já que a frase que diz “será curioso ouvir falar sobre moralidade e renovação, mesmo por parte de quem até outubro de 1930, não encontrou um momento qualquer para tirar o bico da fecunda teta do *Perrepê* (PRP)”, ironiza a atuação do integralista no Partido Republicano Paulista, referindo-se, portanto, à sua saída como oportunismo, do mesmo modo que se tratava o integralismo, outra empreitada oportunista de Plínio Salgado.

Para além desses recursos, a ênfase em outros aspectos pode ser associada ao caráter didático reiteradamente presentes na explicação da ideologia surgida no *entreguerras*, muitas vezes grafada entre aspas, demarcando, conseqüentemente, que o fascismo não poderia ser considerado enquanto tal por dois motivos, a saber: por tratar-se de indivíduos utilizados pela burguesia para garantir o regime da propriedade privada, e devido à incapacidade de seus líderes e seguidores em formatar algo complexo e dotado de coerência.

A primeira notícia veiculada em *O Homem Livre*, em sua inaugural edição, é uma amostra dos adjetivos e esquemas que serão utilizados constantemente no jornal, ao longo de

sua trajetória de pouco menos de um ano, para explicar do que se trata o fascismo e quais são, segundo seus articulistas, suas reais intenções. Nesse sentido, a discussão acerca de sua natureza e desenvolvimento, segundo Paxton (2007), principalmente entre os adeptos do marxismo, ao menos durante o período de ascensão e consolidação do fascismo, foi encarado como uma solução das elites econômicas para assegurar o regime de propriedade privada quanto este encontrava-se ameaçado.

Em *O Homem Livre*, o fascismo é descrito fundamentalmente de acordo com três modos. Em primeiro lugar, o fascismo constitui-se como algo que surge do autoritarismo de um indivíduo e/ou grupo; em segundo lugar, para dar luz às suas intenções de domínio, a classe média é a primeira vítima de sua sanha; em terceiro lugar, seus integrantes seriam capazes de tudo, utilizando desde recursos como a violência extrema até a demagogia para conquistar o desejado, segundo o esquema maquiavélico dos fins como justificativa dos meios:

Trabalho de encomenda, o fascismo nasce isoladamente, com um indivíduo ou um grupo que já tenha à sua frente o futuro Duce ou [tacubrixaba] para logo lançar-se à conquista das classes médias, dos funcionários, dos empregados, usando de todos os recursos, de todas as promessas. (*O Homem Livre*. Contra o fascismo. nº 1, 27 de mai. 1933, p. 1).

A assertividade do artigo, no entanto, deixa pouca margem para maiores questionamentos, assim como no caso da notícia a seguir, a qual associa diretamente o fascismo ao estado de guerra. Há de se salientar, entretanto, de acordo com a narrativa construída ao longo do artigo, que as características bélicas do fascismo, tais como “a sede de sangue” e “assassínio” não são próprias apenas do fascismo e dos fascistas, mas, incontestavelmente, características apregoadas e inflamadas em seus discursos, posturas e ideais.

O fascismo nasceu da guerra. As suas legiões foram formadas do resto da carnificina. “Arditi” que exprime no drama sangrento as atitudes felinas de seu temperamento e que, ao sobreviver à paz, não quiseram retomar o seu lugar na comunidade civil do trabalho. Preferiram viver como mercenários, a soldo da reacção e continuar o estado de guerra, enterrando o punhal na carne dos próprios irmãos.

O fascismo nasceu da guerra e constitui a sua consequência mais vergonhosa. Sem a guerra, o fascismo não teria nascido, ou então teria características menos criminais. Com o fascismo, todo o substrato mais baixo vem à tona e triunfa. A sede de sangue, a ferocidade inútil, a rapina, o furto sistemático, a loucura delinquente, a destruição, o estupro, o assassinio, a ignorância, a inversão sexual, a fanfarrice, que constituem a essência do “sargentão” de todos os tempos e todos os países, se intensificam no regimen fascista e quanto mais e evidenciam nêle as características do delinquente, mais sóbe na escala hierárquica. (*O Homem Livre*. Mussolini e o pacto quádruplo. nº 6, 02 de jul. 1933, p. 2).

Não é possível dizer objetivamente a tiragem de *O Homem Livre*, nem mesmo estabelecer um perfil mais exato de seus leitores; no entanto, algumas características acerca do grupo em torno da publicação, bem como do conteúdo presente em determinadas colunas e edições, nos parecem pertinentes e devem, aqui, ser mencionados. Três questões sobre *O Homem Livre* vão de encontro com o que nos parece o esforço de atingir o maior número de leitores possíveis. Em primeiro lugar, por óbvio, a própria luta em si contra o fascismo, motivo pelo qual o jornal foi criado, que naquele momento, a partir da perspectiva dos membros da Liga Comunista Internacionalista (LCI) e da FUA deveria ser tratada como prioridade pela classe trabalhadora e por suas organizações. Desse modo, Castro (2002, p. 366) observa que:

a Oposição de Esquerda internacional — baseada nos escritos de Trotsky sobre a ascensão do nazismo na Alemanha — propunha que o estabelecimento do fascismo não seria um caminho para acirrar a luta de classes e, assim, abrir caminho para a guerra civil, mas sim uma inviabilização do movimento operário e da existência das esquerdas. Assim, para os “trotskistas” da LC o principal inimigo a combater era o fascismo, e para tanto seria necessária a política de “frente única”. Os “trotskistas” não tinham nenhuma confiança nos social-democratas, mas consideravam- nos aliados contra uma ameaça muito maior ao movimento operário independente — o fascismo.

Nesse sentido, há a tentativa sistemática de propor a união dos mais diversos grupos de esquerda em torno da pauta antifascista, independente de divisões ideológicas internas dentro do campo progressista e, conseqüentemente, chegar ao maior número possível de pessoas, que está expressa nos seguintes pontos estabelecidos após o manifesto da FUA:

- a) Combate às ideias, ao desenvolvimento e à ação do fascismo;
- b) Reivindicação do ensino leigo e da separação da Igreja do estado;
- c) Formação de um bloco único de ação contra o fascismo;
- d) Podem Pertencer à Frente-Única Antifascista todas as organizações antifascistas, sem distinção de credos políticos ou filosóficos.

(*O Homem Livre*. Frente única. *O Homem Livre*. nº 6, 02 de jul. 1933, p.1).

Em um outro sentido, ainda que não seja nosso objeto de análise, é importante destacar que as charges contidas no jornal, sejam elas reproduções de periódicos estrangeiros ou criações dos colaboradores de *O Homem Livre*, representam a busca, sarcástica e bem humorada, por informar questões identificadas com o fascismo e fascistas didaticamente.



Somado a isso, as qualidades gráficas do jornal são outro ponto importante nessa busca por ser um jornal acessível.

Na foto abaixo, a charge publicada originalmente em *Dally Express*, ao retratar os lamentos de Carlito sintetizados na frase “sempre me disseram que era impossível representar um papel sério com um pequeno bigode como este”, satiriza a figura de Adolf Hitler (1889-1945), concomitantemente com o perigo representado pela ideologia nazista, destacado, ao fundo, com a representação do ditador alemão fazendo a saudação nazista enquanto livros são queimados.

**Figura 2** – Charge ironizando o nazifascismo



Fonte: *O Homem Livre*. n° 7, 10 de jul. 1933, p.1

Por outro lado, *O Homem Livre* demonstrou, principalmente em suas primeiras edições, preocupação com assuntos como ciência, música e literatura, mais identificados com setores intelectualizados e geralmente de mais difícil apreensão para o grande público. Nesse caso, identificamos que uma das motivações para isso é que grande parte dos fundadores, articulistas e demais colaboradores de *O Homem Livre* eram ligados à União dos Trabalhadores Gráficos (UTG). Segundo Gualberto (2008), esse sindicato, constituído a partir de 1919, cujo número

percentual de trabalhadores alcançou, em 1927, aproximadamente 4,7% da mão-de-obra na cidade de São Paulo, foi historicamente ligado ao setor mais intelectualizado do operariado paulista.

O ofício dos gráficos, cujas funções podiam incluir tipógrafos, encadernadores, revisores, paginadores exigia maior qualificação profissional em relação às outras atividades do mundo do trabalho; não obstante, ao longo das décadas de 1920 e 1930, antes do aparelhamento deste a partir da *ditadura estadonovista* e de seu processo de atrelamento dos sindicatos ao estado, muitos intelectuais se formaram em suas fileiras, dentre os quais estavam Aristides Lobo, Mário Pedrosa e Fúlvio Abramo, nomes importantes da militância antifascista em São Paulo e partícipes da FUA e de *O Homem Livre*:

Na década de 1930 as reuniões, palestras organizadas pela UTG eram de cunho antifascista. Organizações importantes como o Comitê anti-fascista e a Frente Comum anti-integralista eram influenciados pelos agentes gráficos e suas diretrizes eram formuladas no sindicato dos gráficos, o principal ponto de encontro dos militantes antifascistas de São Paulo. Como nos anos 1930 a UTG era um círculo de atuação de ativistas da Liga Comunista Internacional, conhecido pela alcunha de trotskistas, estes se destacaram na luta antifascista e foram os articuladores do movimento com os trabalhadores gráficos. (GUALBERTO, 2008, p. 113).

No campo da cultura e da crítica de arte, é inegável o destaque de Mário Pedrosa. Segundo Mari (2006), o cearense radicado em São Paulo se estabeleceu na capital paulista ainda na década de 1920, período em que trabalhou no periódico chamado *Diário da Noite*, o qual tinha em seu quadro de jornalistas nomes que vieram a compor a redação de *O Homem Livre*. Posteriormente, Mário Pedrosa participou da fundação da LCI, associou-se à UTG, foi articulista ativo de *O Homem Livre* e tomou parte no Clube dos Artistas Modernos (CAM), onde expôs uma conferência intitulada de “As tendências sociais de Kathe Kollwitz”, considerada inovadora devido aos “princípios de uma estética marxista, que tentou vincular a natureza, a origem e o desenvolvimento da arte com o estágio técnico alcançado pela sociedade e com a luta de classes” (MARI, 2006, p. 4).

Dito isso, compreendemos que naquela conjuntura, com a emergência dos fascismos, e seguindo os preceitos da imprensa operária, *O Homem Livre* evidentemente buscava atingir o maior número de pessoas possível; no entanto, concomitantemente a isso, em suas edições havia artigos de maior complexidade, fossem eles abordando assuntos como ciência e artes em geral, ou então a respeito de análises sociais que exigiam um maior domínio das leituras marxistas.

Há amplas discussões entre estudiosos da teoria da comunicação no que diz respeito aos critérios para que um acontecimento se torne notícia. Desse modo, questões que versam sobre características da publicação, isto é, se estamos falando de um veículo pretensamente neutro ou que assume sua ideologia política, o perfil dos jornalistas e suas convicções políticas, a hierarquização das notícias dentro da estrutura do periódico e mesmo as possibilidades técnicas da qual dispõe a publicação interferem diretamente no que será noticiado. Nesse sentido, Silva (2005) elenca três principais características acerca dos critérios de noticiabilidade:

1) Critérios de noticiabilidade na origem do fato (seleção primária dos fatos / valores-notícia), com abordagem sobre atributos como conflito, curiosidade, tragédia, proximidade etc; 2) critérios de noticiabilidade no tratamento dos fatos, centrados na seleção hierárquica dos fatos e na produção da notícia, desde condições organizacionais e materiais até cultura profissional e relação jornalista-fonte e jornalista-receptor; e 3) critérios de noticiabilidade na visão dos fatos, sobre fundamentos ético-epistemológicos: objetividade, verdade, interesse público etc. (SILVA, 2005, p. 95).

Portanto, é preciso, novamente, contextualizar, ainda que brevemente, o período histórico quando nosso objeto de estudo foi criado: em maio de 1933, quando a primeira edição de *O Homem Livre* veio a público, Benito Mussolini já governava a Itália há dez anos, e o regime fascista no país, há algum tempo, prendia adversários políticos, censurava veículos de opinião que fossem contrários às suas práticas e, conseqüentemente, controlava a vida pública do país. Na Alemanha, Adolf Hitler havia se tornado chanceler um ano antes e sua escalada autoritária estava ganhando contornos dramáticos. No restante do continente europeu, movimentos de extrema direita identificados com o fascismo ganhavam força em países como Portugal, Espanha e França. No Brasil, a partir de 1932, o integralismo também arrematava maior número de pessoas, além de conquistar espaço e influência na sociedade brasileira.

É nesse contexto, pois, que se insere o surgimento de *O Homem Livre*, cujas notícias buscaram “fazer conhecer os crimes do fascismo internacional é combater o nosso incipiente fascismo, que outra coisa não é senão uma macaqueação do modelo europeu” (*O Homem Livre*, solidariedade pelas vítimas do fascismo internacional, nº 9, 24 de jul. 1933, p. 2). Conseqüentemente, de modo geral, a partir do momento que a publicação tem como pauta combater o fascismo e dá destaque para o contexto brasileiro, italiano e alemão acreditamos que, em primeiro lugar, essa questão responde ao critério de noticiabilidade na visão dos fatos, justamente porque *O Homem Livre* possuía relação direta com a LCI e a FUA, portanto, para seus integrantes, o combate ao fascismo tratava-se de compromisso ético e político, cuja verdade e objetividade

na análise, de acordo com seus componentes, respondia ao interesse público na medida em que a ideologia de extrema direita se prostrava como uma ameaça a ser combatida e vencida com a organização dos trabalhadores, mas não somente deles, já que, como podemos ver na notícia abaixo, todos aqueles que não partilhavam “de suas heranças medievais” estavam ameaçados.

investe contra as classes trabalhadoras, primeiro fazendo uso dos processos demagógicos, para depois, alcançado o poder, destruir violentamente as organizações sindicais, as organizações populares, os clubes que refletem a moderna atividade humana nas artes e nas ciências, as associações de defesa econômica, sejam elas socialistas, comunistas, republicanas e democratas, ou mesmo sem nenhuma cõr política, bastando a qualquer, para incorrer na excomunhão da seita sedenta de sangue o fato de não partilhar de suas heranças medievais, de não suportar a sua intolerância inquisitorial nem o obscurantismo que lhe é condição de vida (*O Homem Livre*. Contra o fascismo. 27 de mai. 1933, p. 1).

Para além desta questão geral que dá sustento à criação de *O Homem Livre*, outros critérios de noticiabilidade também podem ser identificados ao longo das edições, primordialmente nos critérios na origem dos fatos e na respectiva notícia desses enquanto valores-notícia. Assim, Silva (2005), também propõe uma tabela operacional contendo alguns dos principais autores e os principais atributos, segundo estes, utilizados na constituição de valores-notícias. Nesse caso, de acordo com Chaparro (2005 apud SILVA), atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, dramaticidade e surpresa seriam as principais atribuições na constituição de um valor-notícia.

Há diferenças significativas com as quais *O Homem Livre* trata o integralismo quando observamos as primeiras edições e comparamos com as edições do momento em que o periódico estava mais próximo de seu encerramento. Em sua segunda edição, publicada no início de junho de 1933, o editorial do periódico busca discutir sobre o tamanho da ameaça que o integralismo representava na sociedade brasileira e quais as chances de uma ditadura aos moldes fascista tornar-se exitosa no Brasil. A análise da notícia, sem autoria divulgada, apesar de deixar em aberto essa possibilidade, acredita que a conjuntura não favoreceria os integralistas.

A situação do Brasil nada tem de semelhante com a da Itália há 13 anos atrás ou com a da Alemanha de hoje. As lutas [...] tem suas causas mais imediatas na diversidade de interesses dos numerosos conglomerados economicos que dividem o paiz. [...] Considerando-se ainda que para o triunfo do fascismo as minorias privilegiadas tem de abrir mão, durante um certo tempo, de algumas de suas prerrogativas, vê-se ainda mais claramente que o regime manganello não tem probabilidade, por enquanto, de triunfar entre nós. Aqui pode ser objeto de conjeturas uma ditadura de tipo comum. (*O Homem Livre*. Realidades brasileiras. nº 2, 03 de jun. 1933, p. 1).

No entanto, ao longo dos meses posteriores, com o recrudescimento do integralismo, as notícias em *O Homem Livre* começam a tratar da AIB com maior ênfase, em notícias e análises cujo atributos de atualidade, consequência e dramaticidade podem ser percebidos, como na seguinte notícia, veiculada em setembro de 1933:

O povo precisa saber quem de fato quer lutar contra o fascismo. Nesse sentido, “O H.L”, devidamente autorizado pelo secretariado da FUA, receberá a confirmação daquele compromisso por parte das organizações faltosas. Cumpra mobilizar fortemente as forças do antifascismo em São Paulo. Cresce o atrevimento do inimigo, e não será com flores e palavreados que se organizará a resistência as avançadas da reação. É preciso que quem queira lutar contra o perigo da internacionalização do fascismo encontre onde seja aproveitada a sua força e luta. É indispensável por isso mesmo saber as quais organizações e indivíduos que desertam da batalha, fazendo o jogo do inimigo e convertendo-se praticamente em asseclas do fascismo. (*O Homem Livre*. Quem quer lutar contra o fascismo. nº 14, 12 de set. 1933, p. q).

Segundo Abramo, o período entre setembro e novembro de 1934 é marcado por encontros na FUA, nos quais se discute a “estruturação de órgãos de defesa dos antifascistas, que vem sendo perseguidos e atacados por integralistas em vários pontos do país e do estado” (2014, p. 40). Em novembro de 1934, quando era realizado um discurso promovido pelo Centro de Cultura Social, que contou com a presença de aproximadamente 1.000 pessoas, cerca de 200 integralistas tentaram invadir as dependências do Salão Celso García, onde acontecia o evento, e este acabou em briga seguida de tiroteio. (ABRAMO, 2014, p. 40-41).

Por tratar-se de um momento de inflexão nas tensões entre integralistas e antifascistas, *O Homem Livre* adota definitivamente um outro tom. Destacando o peso didático do acontecimento, cuja lição deveria ser incorporada por todos os antifascistas, diz:

O proletariado brasileiro deve aprender as lições dos fatos de 14 de novembro e incorporá-la à sua experiência, aplicando na sua luta cotidiana as diretrizes que eles marcaram com uma clareza inconfundível. Se quiséssemos estabelecer uma analogia para frisar a importância desse acontecimento, não poderíamos encontrar outra que a do aluno de escola primária que compreende, pela primeira vez, a vantagem do conhecimento da adição nos cálculos de multiplicação. Quer-nos parecer que embora a violência de que foram vítimas as pessoas que saíram do Salão Celso Garcia não constitua o primeiro fato dessa natureza, as condições em que ela foi exercida foram de tal ordem significativa que forçosamente se torna atribuir-lhe um caráter de lição prática de primeira importância. (*O Homem Livre*. A manifestação Anti-Integralista do dia 14 de Novembro. nº 19, 20 de nov. 1933, p. 1).

Desse modo, em sua antepenúltima edição, o apelo é enfático e, pela primeira vez, o periódico apela explicitamente para a violência como método de autodefesa e combate aos integralistas. Com o título de “Páu neles!”, lê-se:

E como acentuou Romain Rolland o fascismo tem mil máscaras. Ameaça-nos de todos os lados. É preciso que se forme uma frente única para combatê-lo, na imprensa, no comércio e mesmo nas ruas. A hora é de ação. Não podemos permitir que a canalha fascista ponha o nariz de fora. Que os fascistas não possam alegar depois a ignorância. Proponho aqui uma palavra de ordem, que diz tudo: PÁU NÊLES. (*O Homem Livre*. Páu neles!. nº 20, 14 de nov. 1933, p.2).

Ainda que *O Homem Livre* tenha a sua última edição, de nº 22, publicada em fevereiro de 1934, lembramos que as tensões entre integralistas e antifascistas atingiram seu auge durante o segundo semestre. Nesse sentido, consta dizer que, frente a violência e organização dos integralistas, os anarquistas, comunistas ligados ao PCB e comunistas ligados à Oposição de Esquerda, bem como antifascistas em geral, se uniram momentaneamente no episódio que ficou conhecido entre a esquerda como “Revoada das Galinhas Verdes”, quando integralistas e antifascistas entraram em confronto na Praça da Sé, região central da capital, São Paulo.

Assim, ao longo deste capítulo analisamos o surgimento do periódico *O Homem Livre*, buscando contextualizar ao leitor aspectos fundamentais da publicação, quais sejam, a que grupo os seus colaboradores eram ligados, isto é, à FUA, aspectos editoriais do periódico, o que buscava noticiar e a que, conseqüentemente, se opunha. Ao tratarmos do conteúdo presentes em suas páginas, buscamos compreender de que modo os artigos produzidos e as notícias veiculadas de outros periódicos interpretaram o nazifascismo e o integralismo. Por último, buscamos dar especial atenção ao fato de como o integralismo foi percebido, pelos articulistas de *O Homem Livre*, no período concernente à publicação do periódico, pois identificamos uma mudança de percepção sobre os perigos que a ideologia representava ao longo do período em que o jornal circulou.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, de modo geral, buscamos compreender aspectos centrais da crise brasileira dos anos 1920 e das reações a ela, desse modo, enfatizando como Plínio Salgado, a principal liderança dos integralistas, participou das discussões sobre os problemas e soluções para o país naquele contexto, bem como estabelecendo a sua importância no que diz respeito ao seu papel de organizador e aglutinador de diferentes movimentos da direita-autoritária, conseqüentemente, objetivando entender de que modo se deu a constituição da Ação Integralista Brasileira, que se conformou definitivamente como movimento político a partir de 1932. Ainda no mesmo capítulo, abordamos aspectos do desenvolvimento da imprensa operária no Brasil e a importância histórica desta entre os trabalhadores. Além disso, tratamos das disputas entre Oposição de Esquerda e o Comintern no que diz respeito a como estes grupos se prostaram frente a ascensão do fascismo e do integralismo, buscando, assim, estabelecer as motivações e bases políticas para a criação da FUA e do seu periódico de sustentação, *O Homem Livre*.

No segundo capítulo, tivemos como intenção analisar, de forma mais pormenorizada, o *Homem Livre*. Assim, buscamos interpretar o seu conteúdo de acordo com critérios de noticiabilidade e categorias da AD, compreendendo como o discurso presente no jornal se articulava com a conjuntura, com o público ao qual pretendia alcançar, bem como de que forma os artigos presentes em suas páginas abordaram o nazifascismo, o integralismo e seus respectivos líderes políticos.

Desse modo, ao longo de nossa pesquisa, compreendemos que, apesar de aproximações e influências entre o nazifascismo e o integralismo, é basilar a compreensão da conjuntura brasileira do período entreguerras, de modo que possamos perceber as particularidades da Ação Integralista Brasileira, que possuem relação com o caldo cultural brasileiro da década de 1920. Por outro lado, no que tange a atuação das esquerdas, compreendemos que elas estavam em um processo de fragmentação durante o processo de expansão do nazifascismo, em âmbito mundial, e do integralismo, no caso específico do Brasil.

Em relação à imprensa operária, acreditamos que, desde seu surgimento, teve grande importância na divulgação de notícias aos trabalhadores, o que não poderia ser diferente no período abrangido pela nossa pesquisa. Portanto, ao que pese as características vanguardistas de *O Homem Livre*, este foi muito importante no que diz respeito à sua questão em torno do antifascismo, pois os seus articulistas o interpretaram como a pauta mais importante daquele

momento, as quais, nas suas respectivas opiniões, deveriam ser o principal ponto de articulação entre as esquerdas, a fim de salvaguardar a democracia.

Não obstante, identificamos que, nas páginas de *O Homem Livre*, o integralismo foi tratado como, ao menos, próximo de uma cópia dos fascismos europeus, portanto, se utilizando dos mesmos elementos a fim de alcançar os seus respectivos objetivos: chauvinismo, cooptação da classe média, destruição das entidades de classe da esquerda e manutenção do regime de propriedade privada do capitalismo.

Assim, era papel da imprensa operária desnudar as reais intenções da ideologia e de seus representantes, e para isso foram utilizados recursos como ironia, sarcasmo e, também, análises mais aprofundadas sobre seus aspectos centrais, de modo que o antifascismo deveria ser interesse de todos aqueles que tinham por objetivo garantir marcos civilizatórios básicos, segundo acreditavam, como a defesa da democracia e das liberdades que estimulariam e fortaleceriam os interesses e a luta dos trabalhadores. Consequentemente, caberia à esquerda a união em torno da pauta antifascista, naquele momento, interpretada pelos representantes ligados à FUA e ao *O Homem Livre*, como prioridade da luta dos trabalhadores e dos seus respectivos órgãos de imprensa e entidades de classe.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Fúlvio. **A revoada dos galinhas verdes**: Uma história da luta contra o fascismo no Brasil. São Paulo: Veneta, 2014.
- ALBERNAZ, Cássio A. A. **Prolegômeno historiográfico ao objeto político**. *Historiæ*. RioGrande, v. 2, n.2 p. 9-24, 2011.
- ARDUINI, Guilherme Ramalho. **Os soldados de Roma contra Moscou**: a atuação do Centro Dom Vital no cenário político e cultural brasileiro (Rio de Janeiro, 1922-1948). Orientador: Sérgio Miceli Pessôa de Barros. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014 (p. 49-52).
- BEIRED, José Luis Bendicho. **Sob o signo da nova ordem**: Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BERTONHA, João Fábio. **O antifascismo no mundo da diáspora italiana**: elementos para uma análise comparativa a partir do caso brasileiro. *Altreitalie*, [s. l.], 1998.
- BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BRAY, Mark. **Antifa** - O manual antifascista. São Paulo: Autonomia literária, 2020.
- CAMPOS, Maria José. **Visões modernistas do mito da democracia racial em movimento**: Estudo sobre a trajetória e as obras de Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945. Orientador: Lilia Moritz Scwarcz. 2007. Tese (Tese de doutoramento em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2007 (p. 29-33).
- CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A frente única antifascista (1933-34). *In*: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (p. 431-451).

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. **O Homem livre**: um jornal a serviço da liberdade (1933-1934). Cad. Ael, Campinas, v. 12, ed. 22/23, p. 64-74, 2005.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. **A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934)**. Topoi, Rio de Janeiro, p. 354-388, 2002.

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hipertardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

COLBEN, Ilka Stern. *Diversificação e segmentação dos impressos*. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012 (p. 103-129).

COSTAGUTA, Gabriel Duarte. **Corporativismo(s) entre luzes e sombras**: perspectiva de um debate sociopolítico no horizonte brasileiro dos anos 1930/37. Orientador: Luciano Aronne de Abreu. 2019. 108 p. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

DELCOLLI, Caio. **Ameaça Fascista**: Como ideais de extrema direita ganharam espaço no Brasil. In: Revista Galileu. [S. l.], 25 ago. 2022. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Politica/noticia/2022/08/ameaca-fascista-como-ideais-de-extrema-direita-ganharam-espaco-no-brasil.html>. Acesso em: 17 jun. 2023.

DEL ROIO, Marcos. *A gênese do Partido Comunista (1919-29)*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (p. 225-248).

DIAS, Gabriel. **"Deus, Pátria, Família": de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro**. In: UOL. São Paulo, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm>. Acesso em: 17 jul. 2023.

DINIZ, Cássio; BAUER, Carlos; DELCORSO, Isabella. **A educação na Internacional Comunista**. Eccos, São Paulo, ed. 51, 2019.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

EL-DINE, Lorena Ribeiro Zem. **Ensaio e interpretação do Brasil no modernismo verde-amarelo (1926-1929)**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 32, ed. 67, p. 450-468, 2019.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: EDUSP, 2006. (p. 340-352)

FERREIRA, Marieta de Moraes; SÁ PINTO, Surama Conde. *A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 389-411.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes: Do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: FGV - Editora, 2020.

GRECCHI, Cecília Souza. **A Alt-Right e o racismo na internet**. O Cosmopolítico, Niterói - RJ, v. 6, ed. 2, p. 52-63, 2019.

GUALBERTO, Edney dos Santos. **Vanguarda Sindical: União dos Trabalhadores Gráficos de São Paulo (1919-1935)**. Orientador: Lincoln Ferreira Secco. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

HAYDN, Amanda. **Uma liderança feminina no laicato católico: a trajetória política e intelectual de Amélia Rezende Martins na Ação Social Brasileira (1918-1932)**. Orientador: Mauro Castilho Gonçalves. 2017. 220 p. Dissertação (Mestre em Educação) - Mestrado em Educação, PUC - SP, São Paulo, 2017.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: Breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar. **Um projeto de Brasil: Discursos e sensibilidades Histórico-Religiosa em Plínio Salgado**. Cascavel: 3 Anas, 2017.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho. **Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e as vanguardas**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 64, p. 296-309, ago. 2016.

LUCA, Tânia Regina de. **Notas sobre os historiadores e suas fontes**. MÉTIS; História & Cultura, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 13-20, Jan/Jun 2012.

MARI, Marcelo. **Estética e política em Mario Pedrosa (1930-1950)**. Orientador: Celso Fernando Favaretto. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

NASCIMENTO, Evando. **A semana de arte moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e "primitivismo" artístico**. Gragoatá, Niterói, p. 376-391, 2. sem 2015.

NETO, José Castilho Marques. O trotskismo e os trotskistas: os anos 1920 e 1930. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **O jornal A Razão: o ventre fecundo que criou o modelo de totalitarismo integralista**. *Historiae*, Rio Grande, ed. 7, p. 129-159, 2016

ORLANDI, Eni P. **Análise de discursos: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012

ORLANDI, Eni Pucinelli (org.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

PRADO, Carlos Batista. **Partidos e sindicatos: O PCB, a Oposição de Esquerda e o Movimento Operário no Brasil (1922-1936)**. Orientador: César Teixeira Honorato. 2019. 360 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2019

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA., 1988.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. v. 2ª

RODRIGUES, André. Bandeiras negras contra camisas verdes: Anarquismo e antifascismo nos jornais A Plebe e A Lanterna. **Tempos Históricos**, Cândido Rondon - PR, v. 21, p. 74-106, 2017.

SALGADO, Plínio. **Obras completas**. São Paulo: Ed. das Américas, 1955.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. II, p. 95-107, 2005.

SOARES, Iésus Igenes Emidio. **Jackson de Figueiredo e o surgimento da militância católica no Rio de Janeiro de 1920**: a revista A Ordem e a construção da memória de um intelectual. Orientador: Marcelo de Souza Guimarães. 2017. 110 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciado em História) - Escola de História da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. (p. 40-47)

TRINDADE, Hélgio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930**. Porto Alegre: Edições UFRGS, 1974.

UFRGS. **Subcoleção: O Homem Livre – SP**. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/nphdigital/subcoleccion/o-homem-livre-sp/?order=ASC&orderby=date&view\\_mode=masonry&perpage=12&fetch\\_only\\_meta=&pag ed=1&fetch\\_only=thumbnail%2Ccreation\\_date%2Ctitle%2Cdescription](https://www.ufrgs.br/nphdigital/subcoleccion/o-homem-livre-sp/?order=ASC&orderby=date&view_mode=masonry&perpage=12&fetch_only_meta=&pag ed=1&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription). Acesso em: 17 jun. 2023.

VIANA, Marly de Almeida Gomes. *O PCB: 1929-43*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 333-363

VICTOR, Rogério Lustosa. **À direita da direita: estudos sobre o extremismo político no Brasil**. Goiânia: Ed. PUC, 2011.

VICTOR, Rogério Lustosa. **O labirinto integralista: Conflito de memórias (1938-1962)**. Goiânia: IFTEG, 2013